



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação

A importância da organização do ambiente educativo
na aprendizagem das crianças

Relatório de estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Joana Filipa Lemos Borges

Orientadora:

Professora Doutora Maria João Cardona

2019, julho

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

Resumo

O presente relatório está dividido em duas partes essenciais. A primeira, referente à prática pedagógica realizada ao longo dos semestres do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e a segunda relativa às duas questões de pesquisa que surgiram dessa prática. Assim, na primeira encontra-se a descrição das aprendizagens decorrentes dos estágios em creche, jardim de infância, e em 1.º ciclo do ensino básico, em dois anos diferentes de escolaridade.

Na segunda parte, é apresentada a pesquisa realizada que se debruça sobre a importância da organização do ambiente educativo na aprendizagem das crianças no pré-escolar.

Para a realização deste estudo foi utilizado um questionário a quarenta educadores de infância de rede pública e privada.

Através deste estudo foram tiradas algumas conclusões sobre a importância na aprendizagem das crianças e sobre a relevância deste estudo poder ser alargado ao 1º Ciclo.

O relatório termina com uma reflexão sobre todo o processo de aprendizagem realizado.

Palavras-chave: Ambiente educativo; Aprendizagem; Prática Pedagógica.

Abstract

This report is divided into two essential parts. The first one, referring to the pedagogical practice carried out during the semesters of the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education (CEB) and the second related to the two research questions that emerged from this practice. Thus, in the first one is the description of the apprenticeships derived from the stages in kindergarten, kindergarten, and in the 1st cycle of basic education, in two different years of schooling. In the second part, the research carried out that deals with the importance of the organization of the educational environment in pre-school children's learning is presented.

For the accomplishment of this study a questionnaire was used to forty educators of infancy of public and private network.

Through this study, some conclusions were drawn about the importance of children's learning and about the relevance of this study to be extended to 1st Cycle.

The report ends with a reflection on the entire learning process.

Keywords: Educational environment; Learning; Pedagogical Practice.

Agradecimentos

Ao longo do tempo que demorei a realizar este trabalho, várias foram as pessoas que me tentaram incentivar ao término do mesmo, contudo este trabalho não poderia ser feito por outra pessoa se não por mim e só o incentivo não era suficiente.

Até ao dia em que me propus realmente a terminá-lo e deixar concluída esta etapa da minha vida.

Ainda assim quero deixar o meu agradecimento sincero,

Ao meu noivo, que me cansou bastante a cabeça para terminar o trabalho, mas que no primeiro dia em que o comecei a realizar me apoiou imenso.

À minha colega e amiga Patrícia que foi o meu braço direito e até o esquerdo nesta etapa difícil da minha vida e que assim espero que continue pela vida fora.

À entidade patronal que acreditou em mim e me deu a confiança que precisava para fazer sempre melhor no meu percurso.

A todas as crianças com quem lidei e que deixaram sempre um bocadinho de si em mim, e essencialmente ao grupo que acompanho nestes últimos dois anos que me mostrou a importância desta profissão.

Índice

Resumo.....	i
Abstract.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Índice	iv
Índice de Figuras	vi
Índice de gráficos	vi
Introdução.....	1
Parte I – Estágios realizados.....	3
1. Caracterização do Contexto Sociogeográfico das Instituições	3
2. Contextos de estágio e prática pedagógica.....	3
2.1 Creche	3
2.2 Jardim de Infância	9
2.3 Primeiro Ciclo	15
2.3.1. 1º Ano.....	16
2.3.2 4º Ano.....	21
3. Avaliação do processo de aprendizagem	25
Parte II – A importância da organização do ambiente educativo na aprendizagem das crianças.....	28
1. Fundamentação Teórica da Pesquisa	28
1.1. O Educador	28
1.3. Desenvolvimento curricular	34
1.3 Ambiente educativo	37
2. Problemática e objetivos do estudo	41
3. Participantes do estudo	42
4. Metodologia de estudo	42
3. Apresentação e análise dos dados	44
4. Conclusão de estudo	48

Considerações Finais	51
Referências bibliográficas	53
Anexos	56
Anexo A – Questionário realizado.....	57
Anexo B – Análise dos questionários	61

Índice de Figuras

Figura 1- Planta da sala de creche	6
Figura 2- Crianças com bola de luzes	8
Figura 3 - Criança a pintar com giz	8
Figura 4 - Planta da sala de J.I.	11
Figura 5- Planta da sala 1º Ano	18
Figura 6 - Crianças a utilizar o ábaco	21
Figura 7 - Planta da sala 4º Ano	23
Figura 8 - Realização da atividade com Kahoot!	24

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Número de crianças por sexo - Creche	5
Gráfico 2- Número de crianças por sexo – J.I	10
Gráfico 3 - Número de crianças por sexo – 1º ano.....	16
Gráfico 4 - Número de crianças por sexo – 4º Ano	21
Gráfico 5 - Modelos pedagógicos seguidos.....	44
Gráfico 6 - Campos inseridos na temática.....	45
Gráfico 7 - Alterações ao longo do ano letivo	47

Índice de tabelas

Tabela 1 - Planificação da atividade Creche	9
Tabela 2 - Tabela de planificação de projeto (Adaptado de Hernández, 2000)	13
Tabela 3- Planificação atividade J.I.	15
Tabela 4 - Planificação da atividade para 1º Ano.....	20
Tabela 5 - Planificação atividade 4º Ano	24

Introdução

Este relatório final de estágio foi escrito para sintetizar todo o processo desenvolvido ao longo dos dois anos letivos nas unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada (PES) no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e o trabalho de pesquisa que emergiu de questões que surgiram na sequência dos estágios.

Os estágios apresentados ao longo do relatório foram quatro, e tiveram a duração de cinco a seis semanas, onde a prática era alternada entre mim e a minha colega de estágio.

Estes estágios representam uma mais valia neste processo de aprendizagem, as vivências e as realidades com que se contactam nestas alturas são um ótimo ponto de partida na nossa futura vida profissional, enquanto profissionais de educação.

Os estágios decorreram em contextos de creche, jardim de infância, 1º ano e 4º ano do ensino básico em diferentes instituições. O contexto de creche realizou-se numa instituição privada, mas os restantes três estágios realizaram-se em instituições públicas. Apenas os estágios de 1º ciclo decorreram na mesma instituição, em anos escolares diferentes.

Numa primeira parte deste relatório é feita a apresentação e análise dos diferentes estágios realizados. Em relação à componente dos estágios, estão divididos como identificados em cima, sendo descrita a caracterização dos grupos e do ambiente educativo, e a apresentação do projeto de estágio desenvolvido.

De seguida apresenta-se um capítulo intermédio que avalia o processo desenvolvido durante os estágios mencionados, bem como a importância dos mesmos para o trabalho de pesquisa.

Numa segunda parte é apresentada a pesquisa realizada sobre o tema da organização do ambiente educativo na aprendizagem das crianças, onde para a pesquisa além de leituras, utilizei a metodologia quantitativa e também qualitativa fazendo questões abertas nos questionários realizados a quarenta educadores. Através destes procurei estudar e compreender a importância dada pelos educadores à organização do ambiente educativo, bem como à integração das crianças nessa mesma organização.

Este tema surgiu da observação feita nos estágios, onde verifiquei diferenças na importância dada pelos docentes nos diferentes níveis de ensino à organização do ambiente educativo, e por isso decidi aprofundar mais esta questão na educação pré-escolar e compreender os motivos.

Depois da apresentação da fundamentação teórica, é feita a apresentação dos objetivos e da metodologia do estudo, assim como a apresentação e análise dos questionários realizados.

Os resultados obtidos evidenciam que todos os educadores consideram importante a organização do ambiente educativo. No entanto, as suas respostas apontam que o fazem de formas diferentes. Estas diferenças correspondem a diferentes formas de conceber as práticas educativas da educação de infância.

Esta questão leva-me a refletir sobre a importância de alargar futuramente este estudo ao 1º ciclo do ensino básico e compreender se a importância que os educadores atribuem a organização do ambiente educativo é a mesma que é dada pelos professores.

Infelizmente não tive oportunidade de abranger o primeiro ciclo neste estudo, mas considero positivo o facto de poder ter a hipótese de o fazer mais tarde.

No final é feita uma reflexão global de todo o trabalho realizado nos estágios e, na pesquisa realizada fazendo um balanço geral do contributo deste percurso académico para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Parte I – Estágios realizados

1. Caracterização do Contexto Sociogeográfico das Instituições

Os estágios da Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância – Creche e Jardim de Infância – foram realizados em escolas na cidade de Santarém e os dois estágios da Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico numa escola na cidade de Rio Maior, em diferentes anos de escolaridade.

A cidade de Santarém é capital de Distrito e faz fronteira com os concelhos de Porto de Mós, Alcanena, Torres Novas, Cartaxo, Almeirim, Golegã, Chamusca, Alpiarça, Rio Maior e Azambuja situa-se na margem direita do rio Tejo. (Caraterização Ambiental, citado por Câmara Municipal de Santarém, 2017). O concelho de Santarém possui 558,29 km² de área e a sua população é constituída por 62200 habitantes, de acordo com os censos 2011, evidenciando um ligeiro decréscimo desde o recenseamento anterior. (População, citado por Câmara Municipal de Santarém 2017).

A cidade de Rio Maior situa-se no centro do país e encontra-se numa zona de transição, com influências ribatejanas, a Sul, e da estremadura a Norte. Rio Maior é um município que abrange uma área de 277,4 km² e com cerca de 8000 habitantes, que pertence ao Distrito de Santarém, e é sede de um município com 21192 habitantes. A sede de município encontra-se dividida em dez freguesias, nomeadamente: Alcobertas; Arrouquelas; Asseiceira; Assentiz e Marmeleira; Azambujeira, Alfouvés e Malaqueijo; Fráguas; Outeiro da Cortiçada e Arruda dos Pisões; Rio Maior; S. João da Ribeira e Ribeira de S. João; S. Sebastião. A freguesia com maior população e dimensão é Rio Maior, seguindo-se Alcobertas, S. João da Ribeira e Asseiceira. O nome Rio Maior surgiu devido às várias linhas de água que percorrem todo o território. (Câmara Municipal de Rio Maior, 2017).

2. Contextos de estágio e prática pedagógica

2.1 Creche

A instituição

O estágio em Educação de Infância – Creche decorreu numa instituição particular de solidariedade social – IPSS de educação de infância. O horário da instituição incluía as atividades letivas e não letivas, que funcionam de segunda a sexta-feira, abertura às 8h00 e encerramento às 19h00. Sendo que das 8h00 às 9h00 era a componente de apoio à família, das 9h00 às 12h00 a componente educativa, das 12h00 às 14h30 a

componente de apoio à família, das 14h30 às 16h30 a componente educativa e das 16h30 às 19h00 a componente de apoio à família. Nesta instituição também funcionam as valências de Pré-Escolar, 1.º e 2.º ciclos do ensino básico (artigo 34.º do Regulamento Interno, 2015/2016).

A instituição de ensino localizava-se junto à zona industrial de Santarém, numa zona urbanizada. Em relação aos aspetos físicos e materiais do estabelecimento, segundo o que foi observado, trata-se de um edifício com dois pisos ligados entre si por duas rampas principais e que permite a ligação às várias divisões, por corredores cobertos. No rés-do-chão encontrava-se a entrada principal do edifício, o gabinete de direção, a sala de professores, a biblioteca, o ginásio, o refeitório com cozinha na qual almoçavam crianças e pessoal docente e não docente. No edifício adjacente que diz respeito ao 2.º ciclo existem duas salas de aula.

No 1.º piso encontravam-se as valências de creche, pré-escolar e 1.º CEB, constituídas por dez salas, a biblioteca e uma sala polivalente que servia para variadas atividades, como a visualização de filmes e a dinamização de jogos. No espaço exterior existe um campo de futebol e um recreio descoberto, onde as crianças brincavam quando o tempo o permitia. No que diz respeito aos recursos e materiais, a instituição estava bem equipada em termos de material informático e tecnológico, havendo impressoras, computadores, projetores, televisões, leitor de DVDs, máquinas fotográficas, câmara de vídeo, material de educação física e material didático, que possibilitavam um trabalho mais dinâmico por parte dos educadores.

Projeto educativo da instituição

O projeto da Instituição tinha como tema a “Educação para a Cidadania” e pretendia preparar as suas crianças/alunos para se tornarem cidadãos capazes de conviver com várias culturas.

Caracterização do grupo

O estágio realizou-se na sala de um ano, com um grupo constituído por 15 crianças (gráfico 1), sendo que existiam dois pares de gémeos do sexo masculino.

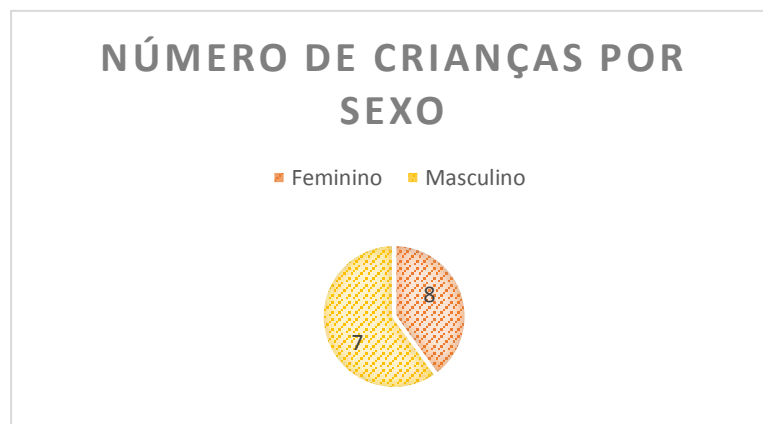


Gráfico 1 - Número de crianças por sexo - Creche

No início do ano letivo cerca de 10 crianças ainda não tinham um ano. Maior parte das crianças usava o gatinhar como modo de locomoção, apesar de se notar que muitas já estavam a começar a andar.

O grupo era composto por crianças autónomas, nomeadamente em algumas atividades (como no momento da brincadeira livre), expressavam-se através de gestos, tinham o sentido exploratório muito desenvolvido, eram muito dadas, participativas e gostavam muito de receber atenção.

Caracterização do ambiente educativo

A sala de atividade era retangular, ampla e iluminada, era decorada com desenhos coloridos alusivos aos animais de quinta e continha uma árvore em realce, feita com papel crepe, que representava mochos nos ramos e em cada mocho havia a fotografia de uma criança. A sala incluía quatro janelas de porta, que dão acesso ao pátio, a temperatura era amena, pois tinha os aquecedores continuamente ligados, tinha ainda dois placards, dois aquecedores, cinco sofás, um tapete azul, uma piscina de bolas, uma mesa de alimentação com cinco cadeiras, uma mesa que para além de servir para a elaboração de trabalhos, era também utilizada para as crianças almoçarem, dois armários com lavatório encastrado, duas prateleiras, oito cadeiras, quinze camas, quatro caixas de brinquedos, cabides e um espelho.

Esta sala tem uma porta que dá acesso ao corredor do primeiro piso do Jardim-Escola e uma cancela que dá acesso à casa de banho da sala que, também, está ligada à casa de banho da sala de 1 ano e meio. A casa de banho contém um fraldário, uma banheira, duas sanitas adequadas aos tamanhos das crianças., dois lavatórios, dois espelhos, quinze bacias e um local próprio para deixar os resíduos. Na imagem abaixo podemos ver um esquema e a respetiva distribuição do espaço (figura 1).

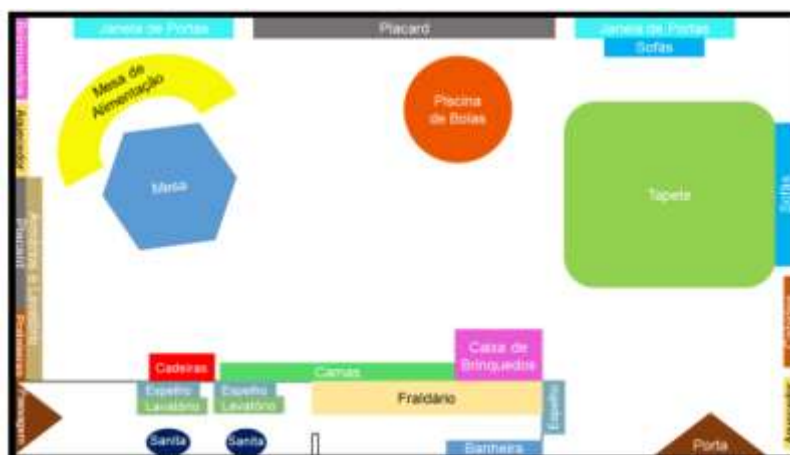


Figura 1- Planta da sala de creche

Todos os elementos da sala estavam colocados estrategicamente, de modo a que as crianças os pudessem alcançar e que o centro da sala estivesse livre, para que, quer as crianças quer os adultos, pudessem movimentar-se livremente, criando elementos facilitadores de locomoção, autonomia e liberdade às crianças aquando a exploração dos objetos, que eram de distintos tamanhos, formas e texturas.

Projeto de sala

Em relação ao projeto de sala, a educadora não tinha nenhum previamente definido. No entanto, a educadora realizava uma planificação anual na qual se baseava para realizar as suas planificações semanais. A planificação anual integrava conteúdos conceituais definidos pela mesma, os procedimentos, os métodos, as capacidades, as destrezas, os valores e as atitudes a trabalhar nas diferentes áreas de desenvolvimento. É importante referir que o maior objetivo da educadora era promover o desenvolvimento emocional, intelectual, social e físico das crianças, assegurando sempre as suas necessidades básicas e a prestação de cuidados.

Projeto de intervenção em estágio

O projeto que eu e a minha colega de estágio realizámos com as crianças intitulava-se “Explorar os sentidos na Creche” e pretendia estimular o desenvolvimento das crianças a partir da exploração dos cinco sentidos em diversas atividades, proporcionando a oportunidade de terem novas experiências que promovessem a exploração e a aquisição de saberes por parte das mesmas, centrando-se no seu

desenvolvimento global. Uma outra característica do projeto era a transversalidade, pois abordava diferentes áreas a partir das atividades propostas.

Nesta faixa etária as crianças ainda não pronunciam palavras. Apesar de conseguirem comunicar, podemos ver através das suas expressões a tocar, por exemplo, num material viscoso se isso para elas é uma experiência agradável ou não. Podemos até ouvir algumas das suas vocalizações e observar como estão surpreendidas com algo que esteja a acontecer à sua frente e, por isso, surgiu-nos a necessidade de observar as crianças a explorar os materiais. Quisemos proporcionar-lhes atividades que as envolvessem e lhes dessem prazer realizar, propondo-nos a fazer atividades ao nível sensorial, onde privilegiássemos sobretudo o tato, a visão, a audição e o paladar.

É necessário que a creche, seja um local acolhedor e harmonioso para as crianças e que as relações que se estabelecem entre educador/a-criança e entre pares sejam o mais seguras possíveis, pois Brazelton e Cramer (1992) referem que:

à medida que os bebés adquirem um equilíbrio interno e começam a vivenciar a expectativa e a excitação dentro de um relacionamento seguro e previsível, passam a descobrir as capacidades emotivas e cognitivas de que são dotados” e que desta forma aprendem a “estimular e a responder aos adultos ao redor (p.26).

Sabemos também que, segundo Piaget, citado por Cavicchia (sem data, p. 4), o desenvolvimento da criança se divide em diferentes estádios, sendo o que corresponde à primeira idade o Estádio Sensoriomotor (0-2 anos). Neste estádio a criança desenvolve e coordena capacidades sensoriais e motoras que aos poucos se vão tornando mais complexas, começando a coordenar esquemas e a experimentar novos meios através da exploração dos objetos com tentativas e erros. Nesta fase, a criança depende dos sentidos e da ação para descobrir o mundo, começa a adquirir o conceito de “permanência do objeto” e a desenvolver a intencionalidade e compreensão de relações de causa-efeito.

É a segurança e o sentido exploratório que fazem com que as crianças tirem o maior partido das atividades propostas, que se empenhem e envolvam o mais possível, e foi isso que tentámos proporcionar-lhes durante o período de estágio, a partir das atividades desenvolvidas, não só a exploração dos sentidos, mas também o estabelecimento de relações.

Exemplos de atividades realizadas

A atividade realizada neste contexto, inserida no projeto organizado, tinha como objetivo principal o de proporcionar às crianças uma sessão de relaxamento, como se pode ver na tabela 1.

Esta atividade foi muito bem recebida pelas crianças, que se mostraram muito atentas e interessadas. Queriam inicialmente entender de onde vinham as luzes e poder mexer e assim que lhes foi dado esse momento, mostraram-se mais calmas e recetivas.

Depois dessa atividade, utilizando a bola de luzes, foi dado às crianças de forma individual uma cartolina escura e giz de várias cores molhado em leite, onde se pretendia recriar em papel o momento que as crianças tinham usufruído.



Figura 2- Crianças com bola de luzes



Figura 3 - Criança a pintar com giz

9h30 – 10h00	Momento de Tapete	Conhecimento do Mundo	<input type="checkbox"/> Estimular a atenção e a concentração; <input type="checkbox"/> Promover o relaxamento; <input type="checkbox"/> Estimular a visão;	<input type="checkbox"/> Sessão de relaxamento com bola de luzes e música calma.	A sala é previamente escurecida, para que quando as crianças passem do acolhimento para a nova sala, sintam logo a diferença do habitual. À chegada das crianças, as mesmas são deitadas no tapete e nas almofadas existentes para o efeito. De seguida coloca-se a música calma, e acendem-se as luzes, fazendo efeitos de ir rodando com as mesmas. Deixando as crianças desfrutarem do momento, de seguida aproxima-se a bola das luzes a cada criança para que possam mexer e explorar à vontade.	Observação Direta; Registo Fotográfico; Registo de Diálogos.
--------------	-------------------	-----------------------	---	--	---	--

10h00 – 11h00	Atividade e Orientada	Conhecimento do Mundo - Expressão Plástica	<p>Gerais:</p> <input type="checkbox"/> Promover a sensorialidade.	<input type="checkbox"/> Pintura com giz molhado em leite em cartolina escura.	<p>Esta atividade é realizada individualmente, sendo que as outras crianças ficam a brincar no tapete com jogos, à sua vez uma criança é levada para a mesa para fazer a pintura com as diversas cores de giz, pintura esta que remete para a sessão realizada anteriormente em que a sala estava totalmente escura e só as luzes refletiam, sendo que o efeito da cartolina escura nos remete para a sala e as cores de giz para as luzes.</p> <p>Depois de secar as folhas são cortadas pelas estagiárias e à tarde são coladas pelas crianças na ficha indicada.</p>	Observação direta; Envolvimento das crianças na atividade;
---------------------	-----------------------------	--	--	--	---	--

Tabela 1 - Planificação da atividade Creche

2.2 Jardim de Infância

A instituição

O estágio em jardim-de-infância decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social sem fins lucrativos. A instituição de ensino localizava-se junto ao centro da cidade, numa zona urbanizada e próxima de várias instituições públicas e locais de comércio. A instituição de ensino era composta por duas valências de creche e uma de jardim-de-infância, o departamento de recursos humanos e o departamento financeiro e administrativo.

As Creches situavam-se no 1.º andar sendo compostas por berçário, sala de 1 ano, sala de 2 anos e refeitório. No rés-do-chão do mesmo edifício, este era composto por refeitório com cozinha na qual almoçavam crianças e pessoal docente e não docente, secretaria, espaços exteriores semicobertos, ginásio e a valência de jardim-de-Infância, sendo integrada por seis salas: duas de três anos, duas de quatro anos e duas de cinco anos.

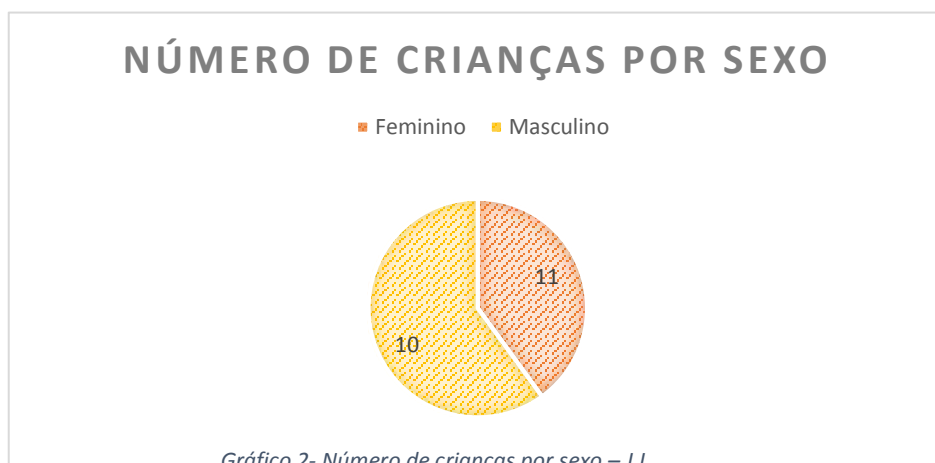
O horário de funcionamento da instituição era das 7h30 às 19h00, para as duas valências, sendo que no período das 7h30-8h00 e 18h30-19h00 os encarregados de educação tinham de apresentar uma justificação para frequentarem este horário.

Projeto educativo da instituição

Nesta instituição para termos acesso ao projeto da instituição teríamos de ir ao gabinete da diretora com ela e só desse modo poderíamos obter acesso aos documentos. Numa das semanas em que estagiamos conseguimos fazer isso, mas não poderíamos retirar informações dos documentos, apenas os podíamos visualizar.

Caracterização do grupo

Neste estágio tivemos a oportunidade de acompanhar a educadora cooperante, e o seu grupo, constituído por vinte e uma crianças, dos quais onze são do sexo feminino e dez do sexo masculino (gráfico 2). As crianças do grupo eram de nacionalidade portuguesa e residentes na zona de Santarém. As crianças tinham idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos, no entanto o grupo era maioritariamente de 3 anos.



A perspetiva piagetiana, referida por Barros (2011), refere que a criança detém o seu conhecimento e o desenvolve a nível intelectual através da sua ação espontânea sobre o ambiente, só assim é que esta desenvolve e constrói a sua aprendizagem. Constatámos que as crianças da sala se encontravam no estágio pré-operatório (2 aos 7 anos), sendo que neste estágio a criança já é capaz de distinguir os significantes dos significados, é também durante este estágio que surge o jogo simbólico em que a criança passa a utilizá-lo como instrumento para se inserir no mundo adulto.

O grupo de crianças era muito participativo, bastante acessível e fácil de comunicar. Era visível o facto de estarem juntos há muito tempo, pois tinham uma ligação muito forte uns com os outros. Consideramos que era um grupo muito evoluído,

com a aquisição de regras básicas e respeito uns pelos outros e pelo adulto o que é muito positivo. Como é próprio desta idade, as crianças eram muito autónomas, gostavam de mostrar que sabiam fazer as coisas sozinhas, de questionar sobre vários os assuntos e de estar interessadas naquilo que as rodeia.

Caracterização do ambiente educativo

A sala espaçosa, com alguma luz natural, visto que tinha duas janelas grandes e uma porta. Os ambientes devem ser planeados de forma a satisfazer as necessidades da criança, isto é, tudo deverá estar acessível à criança, pois só assim o desenvolvimento ocorrerá de forma a possibilitar a sua autonomia, bem como a sua socialização. Os espaços devem ser organizados de forma a desafiar a criança nos campos: cognitivo, social e motor.

O estágio decorreu na sala que se encontrava no rés-do-chão do edifício. Esta era ampla, com boa entrada de luz solar, possuindo duas janelas grandes e uma porta de vidro. As áreas em que a sala estava dividida eram compostas por alguma variedade e quantidade de materiais e estes encontravam-se organizados e identificados, facilitando as crianças ao seu acesso como se pode verificar na figura 4.



Figura 4 - Planta da sala de J.I.

Considero que a sala de atividades estava bem organizada, o que influencia o comportamento das crianças e adultos, uma vez que, a educadora cooperante bem como toda a instituição se regem por vários modelos e práticas/estratégias educativas, High-Scope, Movimento da Escola Moderna, Metodologia do Trabalho de Projeto,

Reggio Emília e Modelo de Aprendizagem Cooperativa, o que influencia toda a organização da sala bem como a quantidade e a seleção dos materiais apropriados para um bom ambiente educativo e a promoção de autonomia das crianças. Estes modelos baseiam-se na participação ativa das crianças uma vez que estas colaboram com os educadores no planeamento das atividades curriculares. Deste modo, considero estas pedagogias imprescindíveis quando o objetivo principal é tornar as crianças voz ativa.

Durante o estágio percebi como o espaço físico da sala é de extrema importância para o bem-estar das crianças e dos adultos, uma vez que este espaço não é estático, que de acordo, com o tipo de atividade que se pretende realizar, este pode sofrer ligeiras alterações de forma a proporcionar um ambiente mais envolvente e propício para a aprendizagem. Tendo mesmo sido necessário no decorrer da minha prática, adaptar a estrutura da sala, para as atividades se realizarem da melhor forma possível, nomeadamente, nas atividades de expressão motora, dramática e nas atividades experimentais, sempre que era preciso um espaço mais amplo. Esta é uma das funções do educador, organizar o espaço de modo a que se torne favorável à aprendizagem ativa e que proporcione às crianças oportunidades de escolha e de tomada de decisões.

Durante a nossa primeira semana de estágio, observámos as dinâmicas do grupo, bem como as rotinas diárias do mesmo, de forma a compreendermos qual a importância do nosso projeto e como aplicá-lo nesta comunidade educativa, pois segundo Sousa (2008), o educador deve observar intencionalmente as crianças, com o objetivo de analisar os seus interesses, as suas interações, as suas dificuldades e o seu comportamento.

Projeto de intervenção em estágio

O nosso projeto intitulava-se de “Pequenos Grandes Cientistas...” e é baseado na curiosidade natural das crianças do grupo, bem como da instituição e das suas dinâmicas. A escolha do projeto surgiu a partir de uma conversa informal com a educadora cooperante, quando esta referiu que dessemos continuidade ao tema a

“Primavera” de forma a articular este tema com as ciências e as atividades práticas e experimentais.

Para uma melhor compreensão das atividades e de todo o trabalho realizado durante o projeto, Hernández (2000) sugere um esquema que orienta o trabalho do educador na realização de um projeto. Neste sentido, de seguida apresenta-se uma tabela de apoio à estruturação do projeto (Tabela 1), que permitiu ter uma visão geral as atividades a desenvolver, com os vários aspetos e critérios que foram tidos em conta na planificação do projeto.

<p>O que as crianças devem aprender</p> <p>Compreender a importância da água, ar, luz e materiais no tema Primavera; Explorar novos materiais e técnicas; Observar experiências relacionadas com o tema; Conhecer e utilizar novas palavras associadas ao tema do projeto; Ter cuidados com os materiais das experiências; Estar numa postura adequada a situação em que estão; Saber distinguir cores;</p>	<p>Estratégias que podem ser desenvolvidas</p> <p>Diálogos; Histórias temáticas; Experiências práticas; Trabalho em grupo e individual; Avaliação em cooperação com as crianças; Colocação de questões referentes ao tema a abordar.</p>	<p>Como começar</p> <p>Os conhecimentos e as experiências das quais se parte</p> <p>Através do tema Primavera, explorar os diversos fenómenos da estação: água, ar e luz.</p>	<p>Recursos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Materiais de escritório; • Materiais de desperdício; • Materiais reutilizáveis; • Humanos.
<p>Conexões com outras matérias e saberes</p> <p>Área de Formação Pessoal e Social; Área do Conhecimento do Mundo; Áreas da Expressão e Comunicação.</p>	<p>TEMA/ QUESTÃO/ IDEIA-CHAVE</p> <p>As ciências: elaboração de experiências no interior e no exterior; Primavera/experiências.</p>		<p>Apresentação final o portfólio</p> <p>Construção de um relatório de estágio, com todos os materiais realizados em estágio (planificações, etc); Criação de um álbum e vídeo para deixar na sala com fotografias do projeto implementado;</p>
<p>Atividades para todo o grupo</p> <p>Diálogos; Leitura de histórias; Jogos; Preenchimento de quadros; Experiências (Ciclo da água, flutuação flutua, etc);</p>	<p>Atividades em grupo/pares/ tríades</p> <p>Placar da primavera; Barcos na água;</p>	<p>Atividades individuais</p> <p>Construção de caracol, sol, borboletas e flores para o placar; Caixa de embrulho para o dia da mãe; Experiência da flor; Criação de Barcos;</p>	<p>Avaliação</p> <p>o que compreenderam e são capazes de transferir</p> <p>Pretendemos que as crianças adquiram novos conhecimentos ao nível das ciências, de fenómenos como a água, ar e luz.</p>

Tabela 2 - Tabela de planificação de projeto (Adaptado de Hernández, 2000)

Para integrar o grupo neste projeto, realizamos umas etiquetas que incluíam o nome do projeto e o nome da criança, sendo que estes eram denominados como Cientista “X”. As crianças teriam que as usar sempre que realizássemos uma atividade experimental.

Com a escolha do tema, tinha-se como principal finalidade proporcionar às crianças momentos e oportunidades para participarem em atividades lúdicas, tendo em conta a transversalidade das áreas. No progresso deste projeto procurámos desenvolver um conjunto de ideias que envolvesse e valorizasse todas as áreas de conteúdo, explorando e valorizando mais as áreas do Conhecimento do Mundo, área da Formação Pessoal e Social e a área da Expressão e Comunicação. Estas áreas de conteúdo “consideram-se (...) como âmbitos do saber, com uma estrutura própria e com

pertinência sócio-cultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer” (ME, 1997, p. 47).

É nesta perspetiva que destacamos a área do Conhecimento do Mundo, pois o relacionamento com o meio conduz à explicação da realidade, evitando a fantasia. A curiosidade natural da criança é estimulada na Educação Pré-escolar através de oportunidades de contacto com situações novas, permitindo-lhes desfrutar de ocasiões de investigação e descoberta, mas não esquecendo que “a criança quando inicia a Educação Pré-Escolar já sabe muitas coisas sobre o ‘mundo’” (ME, 1997, p. 79) que devem ser privilegiadas no processo de ensino e de aprendizagem que se executa no contexto do jardim de infância.

Exemplos de atividades realizadas

Para este contexto, uma das atividades realizadas foi construir um cata-vento, como neste estágio, o projeto se baseava em experiências, esta semana era a do ar, e por isso quisemos realizar este objeto de forma a que as crianças vissem que mesmo que não o víssemos, o ar estava sempre presente.

<p>Área do Conhecimento do mundo; Área da Expressão e da Comunicação: Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita; Domínio da expressão plástica;</p>	<p>Despertar o conhecimento, a curiosidade e o saber. Desenvolver a linguagem oral. - Falar sobre os moinhos; Desenvolver a motricidade fina; Promover a criatividade e o contato com novas técnicas; Desenvolver a coordenação óculo-manual;</p>	<p>Este dia inicia-se com um diálogo entre as estagiárias e as crianças sobre moinhos de vento, se sabem o que é, se já viram algum, depois uma das estagiárias mostra imagens reais de moinhos e de moinhos de energia eólica, conversando com as crianças sobre o que os mesmos fazem e como são movidos a vento. De seguida as estagiárias dizem às crianças que é a vez de elas fazerem um moinho, neste caso um catavento. As crianças são divididas em grupos, sendo que uns vão brincar enquanto outros vão para as mesas, fazer o seu catavento, que consiste primeiramente em utilizar a técnica de sopro através de uma palhinha para espalhar a tinta, decorando assim o catavento de cada criança. Depois disto, e dos cataventos estarem secos, as estagiárias terminarão os cataventos de cada criança, para que durante a tarde possam brincar com eles no pátio.</p>	<p>Diálogo com as crianças; Realização de um catavento; Brincadeira livre com os mesmos.</p>	<p>Folhas de cor; Palhinhas; Tachas; Tintas.</p>	<p>Observação direta; Registo fotográfico; Análise dos trabalhos desenvolvidos.</p>
---	---	--	--	--	---

Tabela 3- Planificação atividade J.I.

Infelizmente para esta atividade não tenho fotografias para demonstrar o trabalho realizado. Mas as crianças foram muito participativas, como em tudo o que lhes apresentávamos, e gostaram muito da ideia de poderem ir brincar para a rua com algo que tinham construído e criado em sala.

2.3 Primeiro Ciclo

A instituição

O estágio no 1.º e 4.º anos de escolaridade decorram numa instituição de ensino que funciona simultaneamente como escola do 1.º CEB e de 2.º CEB, é um edifício que foi sofrendo algumas obras de remodelação. Relativamente ao meio envolvente, de acordo com o que observei, esta encontrava-se no interior da cidade, numa zona habitacional, de fácil acesso, com algum comércio, assim como cafés, restaurantes, supermercados, CTT, biblioteca, instituições bancárias, escolas e, ainda, alguns espaços de lazer.

No que respeita aos aspetos físicos e materiais do estabelecimento, segundo o que foi observado, é possível referir que a instituição se encontra muito bem organizada. Ao passar o portão de entrada da escola, verifica-se que o espaço exterior possui um campo de futebol, um amplo espaço para as atividades livres com cobertura.

O estabelecimento é constituído por um edifício, sendo que se divide por três blocos e dois pisos, o piso inferior e o piso superior, ligados entre si, por duas escadarias principais que permitem a ligação aos corredores. No Bloco 1, no piso inferior, encontra-se um espaço polivalente onde, do lado esquerdo, se situa a receção, com permanência de uma assistente operacional, responsável por direcionar as crianças, pais, encarregados de educação, docentes, bem como, supervisionar as entradas e saídas.

Também nesse piso encontram-se os Serviços Administrativos, Gabinete da Direção, Sala de Professores, Gabinete Médico e uma sala de primeiros socorros, onde também está uma assistente operacional, Gabinete de atendimento aos Encarregados de Educação, Gabinete de Diretores de Turma/Coordenação de Projetos e uma casa de banho para o pessoal docente e não docente. Do lado direito, do mesmo piso, encontra-se o Centro de Recursos, Salas de Informática, Gabinete do Serviço de Psicologia e Orientação, Gabinete de trabalho de Educação Especial, Cozinha que serve de apoio aos cursos profissionais, Gabinete de Psicologia, Ação Social Escolar, sala de Educação Musical, Laboratório de Informática, Rádio Escola e Gabinete de Apoio ao Aluno/Gabinete do Projeto Educação para a Saúde. No piso superior, do mesmo bloco, do lado esquerdo, encontra-se Salas de aula, Biblioteca, Sala

Multideficiência, Sala dos Coordenadores e Subcoordenadores dos Departamentos, Gabinete de Professores 1.º Ciclo, Sala de Ensino Estruturado, Sala de Atividades da Vida Diária, Gabinete de Terapeuta da Fala. Do lado direito situa-se a valência de 1.º Ciclo, encontra-se seis Salas de aula, uma casa de banho para os alunos e uma casa de banho para o pessoal docente e não docente, sendo esta adaptada às crianças com necessidades educativas especiais.

No Bloco 2, no piso inferior, do lado esquerdo encontram-se as Salas de Aula do 2.º Ciclo. No que diz respeito ao Bloco 3, no piso inferior no lado esquerdo, o refeitório com cozinha, reprografia e sala de Atividades de Tempos Livres. No lado direito, bufete, sala de convívio dos alunos, sala dos funcionários e papelaria.

O período de funcionamento abrange as atividades letivas e não letivas, que funcionam de segunda a sexta-feira. De acordo com Plano Educativo do Agrupamento (2016) o horário do 1.º Ciclo é compreendido entre as 9h00 e as 12h30 e das 14h00 às 16h00. Contudo, existem Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), que alguns alunos frequentavam, e decorria entre as 16h30 e as 17h30. Existem, também, três períodos de intervalos, que decorrem nos seguintes horários: o primeiro das 10h30 às 11h00; o segundo das 12h30 às 14h00 e o terceiro das 16h00 às 16h30.

2.3.1. 1º Ano

Caracterização do grupo

O estágio de 1.º Ciclo do Ensino Básico foi realizado numa turma de 1.º ano, constituída por 23 alunos, sendo nove do sexo feminino e catorze do sexo masculino (gráfico 3), a maioria dos alunos eram de nacionalidade portuguesa, sendo que três alunos eram de nacionalidade brasileira e um aluno de nacionalidade ucraniana.

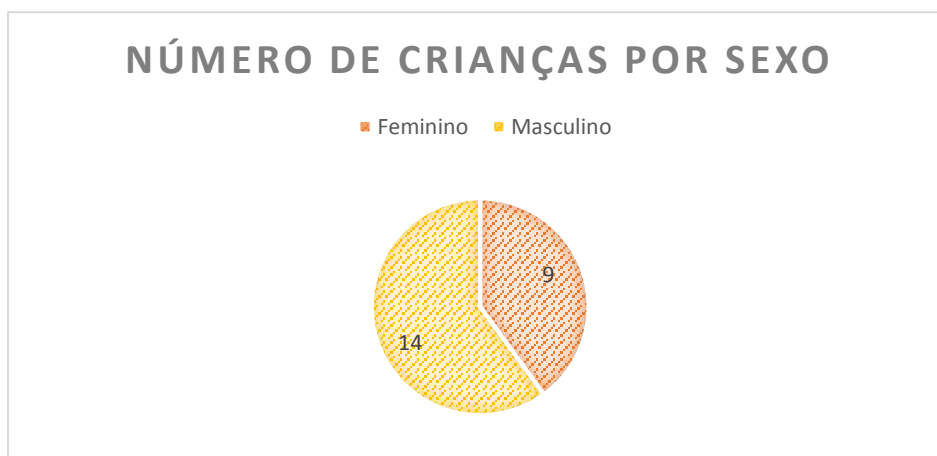


Gráfico 3 - Número de crianças por sexo – 1º ano

E residiam todas no concelho de Rio Maior. A turma integrava uma criança com Necessidades Educativas Especiais. Após a Declaração de Salamanca (1994), tem vindo a dar-se mais ênfase à escola inclusiva, que engloba todas as crianças e jovens, promovendo uma igualdade educativa quer nos acessos quer nos resultados (Dec. Lei n.º 3/2008). O aluno possui um apoio pedagógico personalizado que englobava as seguintes alíneas a) apoio pedagógico personalizado; b) Adequações curriculares individuais; d) Adequações no processo de avaliação, e e) Currículo específico individual. Porém, as estratégias utilizadas com este aluno consistem numa pedagogia de sucesso e motivação, num apoio individualizado e sistemático, respeito pelo ritmo da aprendizagem do aluno, bem como um reforço na explicação dos conteúdos e incentivo ao esforço individual.

Durante a nossa prática, não planificamos atividades diferenciadas para este aluno, no entanto, sempre que se encontravam na sala, tentávamos que participasse nas atividades dando um apoio mais individualizado, uma vez que este estava habituado a um apoio permanente por parte de um adulto.

Tratava-se de uma turma com crianças nascidas em 2010, com 7 anos de idade. Estes alunos encontravam-se, segundo Jean Piaget (1983), na transição do Estádio Pré-operatório (2-7 anos) para o Estádio das Operações Concretas (dos 7 aos 12 anos). O mesmo autor, afirma que o estágio pré-operatório contempla a preparação e organização das operações concretas, ou seja, a criança consegue compreender as ações mentalmente, não sendo capaz de as representar. A criança nesta etapa de desenvolvimento possui um pensamento egocêntrico, intuitivo, rápido, pré-lógico baseando-se na perceção, não conseguindo realizar operações mentais que exijam a capacidade de abstração. Por sua vez, o Estádio das Operações Concretas (dos 7 aos 12 anos) coincide com o início da escolarização o que se traduz em mudanças importantes de ordem mental, afetiva e social, acompanhadas de uma transição do pensamento concreto e egocêntrico para o pensamento lógico e representativo.

Nesta turma verificava-se que tinham incutidas normas de relação, como o respeito pelos outros, o espírito de convívio e de cooperação, contudo, é também um grupo um pouco imaturo o que considero compreensível visto ser uma turma de 1.º ano.

A sala onde estagiámos encontrava-se no 1.º andar do edifício. Era ampla e com várias janelas, que estavam na maioria das vezes fechadas pois a luz natural não permite uma boa visibilidade do quadro de ardósia e do quadro interativo.

Dentro da sala, existia uma pequena divisão, a arrecadação, onde se guarda alguns materiais, uma bancada com um lavatório que facilita a higiene dos alunos e em atividades de expressão plástica. Os manuais e dossiers dos alunos estão arrumados

em dois carrinhos de madeira, existe ainda uma estante com alguns materiais e alguns trabalhos expostos.

Caracterização do ambiente educativo

A sala de aula da turma do 1.º A está organizada em quatro filas de quatro mesas ao centro, havendo cinco mesas individuais e seis mesas com pares e trios. Os alunos estão virados para o quadro de ardósia e para a mesa da professora. O quadro interativo fica localizado no lado contrário da sala e uma mesa de apoio com o computador com ligação à internet. O espaço encontra-se organizado para que a docente tenha o visionamento global, independentemente do ponto da sala em que esta se encontre, assim como os alunos têm uma maior facilidade para se deslocarem na sala (figura 5).

O professor deve ter em consideração a atividade de planear como um dos atos determinantes da sua profissão. Assim sendo, este deve ter em consideração os princípios metodológicos, psicológicos e didáticos, tendo como base as indicações contidas nos programas (respeitando as categorias didáticas – objetivos, conteúdos e métodos) atendendo às condições pessoais, sociais, materiais e locais de forma a pensar no processo de desenvolvimento do aluno (Bento, 2003).

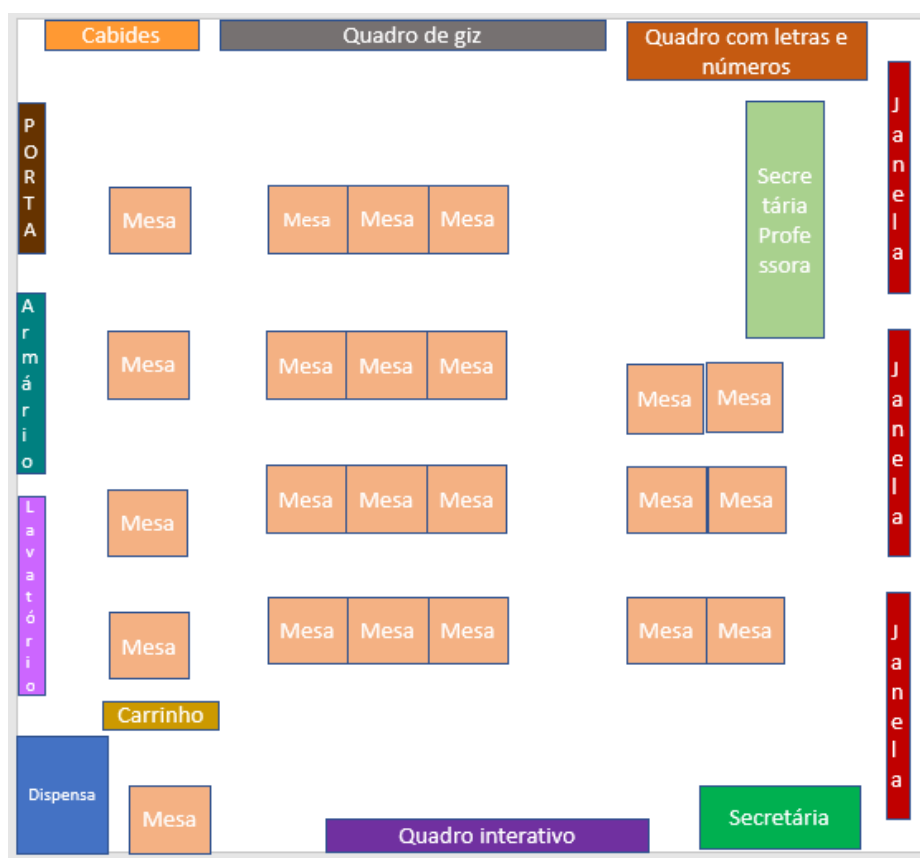


Figura 5- Planta da sala 1º Ano

Durante as semanas de estágio observámos as dinâmicas da turma, bem como as rotinas da mesma de forma a percebermos qual a importância do nosso projeto e como aplicá-lo nesta comunidade educativa, pois segundo Máximo-Esteves (2008, referido por Pereira, 2013), observar permite ao profissional de educação ter “um conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto, pois só assim o adulto consegue conhecer os contextos, as pessoas que nele se movimentam e as suas interações” (p. 6).

Projeto de intervenção em estágio

O nosso projeto denominava-se de “Aprender com os números”, decidiu-se abordar a matemática, com especial ênfase aos recursos didáticos, tendo em conta as necessidades que os alunos tinham em relação à decomposição dos números. Procuramos por isso implementar este projeto utilizando vários materiais que ajudassem os alunos na decomposição e perceção de todos os números abordados.

Para todos os números lecionados utilizamos sempre a representação no ábaco, no colar de contas e ainda a casa das dezenas e das unidades, para que deste modo os alunos pudessem sempre associar o número novo a todas essas formas de representação. Sendo esta a maior dificuldade dos alunos, tentamos sempre ao longo do estágio debater bastante este conteúdo, a decomposição.

Sendo uma turma de 1.º ano considerámos pertinente a elaboração do nosso projeto, de forma a percebermos como iríamos planificar ao longo das semanas de intervenção, tendo em conta os manuais dos alunos e os interesses da turma.

O professor tem como ferramenta de trabalho a planificação, que lhe permite definir conteúdos, objetivos, estratégias/ atividades, recursos e instrumentos de avaliação que abrange os vários domínios curriculares. Tal como refere Vaz (2011):

ato de planificar estimula no professor capacidades de estruturação e de descoberta de diferentes estratégias nos contextos sócio – educativos, proporcionando-lhe experiências de aprendizagem significativas e integradoras de acordo com os seus interesses e necessidades, assim como, oferecer continuidade ao processo de ensino – aprendizagem. (p. 16)

Desta forma, o professor deve planificar tendo em conta os objetivos e metas a atingir, de acordo com os interesses e necessidades dos seus alunos. Ao realizar a planificação este deve ter em consideração os princípios orientadores estabelecidos pelo Ministério da Educação.

Exemplos de atividades realizadas

Sendo que o tema do projeto se designava de “Aprender com os números”, projeto derivou da necessidade que os alunos tinham em relação à decomposição dos números. Procuramos por isso implementar este projeto utilizando vários materiais que ajudassem os alunos na decomposição e percepção dos números em estudo.

Como este estágio já foi em 1º Ciclo, a atividade apresentada já inclui o facto de pertencer ao programa que a professora tinha para lecionar.

Nesta atividade foi utilizado um material didático que as crianças ainda não tinham tido oportunidade de conhecer: o ábaco (tabela 4).

As crianças eram muito interessadas e queriam saber sempre mais, e por isso sempre que lhes eram apresentadas temáticas com materiais alternativos ficavam muito concentradas e empenhadas em realizar as atividades. Foi uma atividade muito gratificante, pois por vezes não temos a noção de como um simples material pode deixar as crianças tão atentas e interessadas.

11h - 12h30	Matemática	Números e Operações: Números naturais: - Dezena.	Designar dez unidades por uma dezena e reconhecer que na representação o «10» o algarismo «1» se encontra numa nova posição marcada pela colocação do «0».	Ainda sobre o número dez, os alunos deverão agora colar no seu caderno diário um quadro que servirá de ponto para trabalhar a dezena, neste quadro terão de identificar as várias formas de encontrar o número dez, por exemplo juntando 1 + 9. A professora deverá ir a cada aluno verificar o seu trabalho e corrigir. Após todos terminarem a tarefa, a professora pedirá atenção a todas as crianças, e mostrar-lhes-á o ábaco para que possam trabalhar pela primeira vez a dezena. Deverá explicar-lhes com o abaco que só é possível colocar nove peças de uma cor no primeiro espeto, que quando quer colocar dez é necessário passarmos para o outro espeto que substitui todas as outras 9 peças e que assim passam a ter a dezena e não só as unidades. Distribuirá depois a cada aluno um ábaco para que o possam explorar à vontade e para que percebam a relação entre a casa das unidades e das dezenas. Depois de todos os alunos estarem à vontade com o termo dezena e terem percebido este novo conteúdo a professora pedirá aos alunos que recortem do seu manual o apontamento sobre a dezena e o cole no caderno. Irão ainda resolver a página 75 do manual em conjunto para fazer uma melhor consolidação deste tema.	Ábacos para todos os alunos; Manual; Cola; Material de escrita.	Observação direta; Correção do trabalho realizado individualmente e no caderno diário; Acompanhamento da resolução da ficha do manual.
-------------	------------	--	--	--	--	--

Tabela 4 - Planificação da atividade para 1º Ano

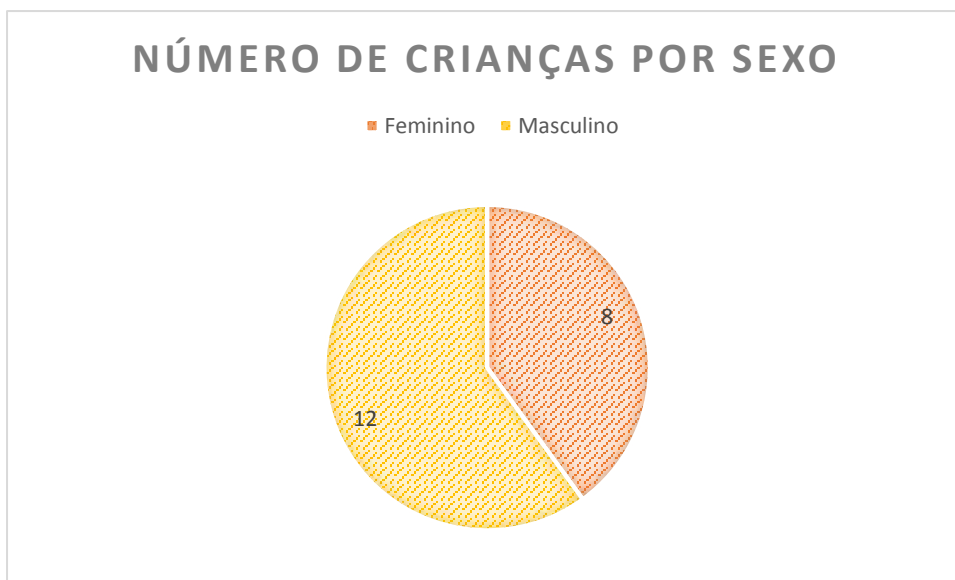


Figura 6 - Crianças a utilizar o ábaco

2.3.2 4º Ano

Caracterização do grupo

O estágio decorreu numa turma de 4.º ano de escolaridade, numa sala com 20 alunos, oito crianças do sexo feminino e 12 crianças do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos de idade (gráfico 4).



Esta integra um aluno de etnia cigana, dois alunos de nacionalidade ucraniana e um aluno de nacionalidade indiana, sendo todos residentes na zona e nos arredores de Rio Maior.

A turma integra também uma aluna com Necessidades Educativas Especiais, que está abrangida pelo Decreto-Lei 3/2008 de 7 de janeiro, beneficiando de um Programa Educativo Individual, com as seguintes alíneas: alínea a) Apoio Pedagógico Personalizado com apoio indireto da professora de Educação Especial e alínea b) Adequações Curriculares Individuais nas disciplinas de Português, Matemática e Estudo do Meio. As estratégias utilizadas com esta aluna consistem num apoio individualizado e sistemático, respeito pelo seu ritmo da aprendizagem, bem como um reforço na explicação das matérias e incentivo ao esforço individual, ou seja, existem estratégias para motivar a aluna no seu processo de ensino-aprendizagem.

No geral a turma tinha um desempenho satisfatório no que diz respeito ao aproveitamento escolar. Os alunos demonstravam bastante interesse pelas atividades propostas, assim como facilidade de interação entre colegas, nomeadamente no trabalho a pares. Alguns alunos eram bastante faladores, o que perturbava o funcionamento da aula e dificultava o papel do professor e a aprendizagem dos restantes colegas.

O ritmo de trabalho dos alunos era diferente, havendo uma parte da turma que realizava as tarefas propostas com mais rapidez do que a outra. Alguns alunos demonstravam ter pouca autonomia e algumas dificuldades ao nível da concentração e da atenção, o que levava aos referidos distintos ritmos de trabalho.

A sala onde estagiámos era ampla, com bastante luz natural, proporcionando a todos os intervenientes do processo educativo um bem-estar geral, uma vez que através da luz natural é possível suavizar o ambiente e trazer elementos naturais para o interior da sala (Hohmann & Weikart, 1997). Ao longo das semanas de intervenção a disposição da sala sofreu algumas alterações de forma a responder às necessidades e interesses da turma, bem como ao bom funcionamento do ambiente educativo.

Caracterização do ambiente educativo

A sala de aula da turma do 4.º ano estava organizada em pequenas filas de quatro mesas ao centro, quatro três numa lateral e duas na outra, e quatro mesas colocadas pela sala separadamente (figura 7). Em concordância com Teixeira e Reis (2012), “a flexibilidade na colocação das carteiras e das mesas e no agrupamento dos alunos assume um papel muito importante quando se considera o uso do espaço na sala de aula” (p. 164). Deste modo, e apesar das condicionantes, procurou-se tirar o maior benefício possível da disposição em que a sala se encontrava, tendo-se circulado sempre entre todas as filas, para acompanhar, de forma próxima, o trabalho dos alunos.

entrega-se intuitivamente ao processo de descoberta, adquirindo destrezas na interiorização, estruturação e compreensão de conceitos. (p. 23)

Exemplos de atividades realizadas

Neste contexto, a atividade que escolhi para apresentar no relatório foi a atividade onde as crianças utilizaram o programa Kahoot, pois sendo esta uma escola do futuro, dando grande enfoque às tecnologias, faz todo o sentido que mostre uma atividade apenas possível de realizar em escolas assim preparadas.

<p>Área da Matemática; Tecnologias da comunicação.</p>	<p>Despertar o conhecimento, a curiosidade e o saber. Promover a criatividade e o contato com novas tecnologias;</p>	<p>Para esta atividade, os alunos são dispostos em pares de trabalho, distribui-se o material pelos pares. A professora estagiária explica o objetivo da atividade e qual o tema a ser abordado. As perguntas são apresentadas através do programa Kahoot, e os alunos vão respondendo através do tablet. Todas as perguntas depois de respondidas pelos alunos, mostram as respostas e aí é debatido o porquê da resposta, levando a uma participação oral dos alunos.</p>	<p>Explicar aos alunos o tema que estará inserido nas perguntas do programa; Formar pares de trabalho e distribuir o material necessário; Realizar a atividade através do programa e analisar as</p>	<p>Tablet's; Comoutador; Projetor; Programa Kahhot.</p>	<p>Observação direta; Registo fotográfico; Análise às respostas dadas pelos alunos.</p>
--	--	---	--	---	---

Tabela 5 - Planificação atividade 4º Ano



Figura 8 - Realização da atividade com Kahoot!

3. Avaliação do processo de aprendizagem

Fazendo uma avaliação aos estágios decorridos, considero que foram todos uma grande mais-valia no meu processo. Poder estagiar em diversos contextos, com diferentes realidades tanto a nível das crianças, mas também ao nível das equipas, dos pais, da realidade onde se encontra o local de estágio foram experiências muito enriquecedoras e que me trouxeram muitos conhecimentos.

Ao longo destes cinco anos, entre licenciatura e mestrado, cresci muito e tive a oportunidade de aprender muito, foram experiências muito gratificantes.

Os relacionamentos que tive ao longo dos estágios foram sempre muito positivos não tendo tido dificuldades em adaptar as diversas equipas, professores, educadores, crianças e alunos. O facto de já ter contacto profissional na área também fez com que me sentisse mais confortável, pois não ser tudo novo para mim trazia-me sempre alguma tranquilidade.

Sempre fui adepta de respeitar a opinião dos profissionais com que trabalhava/estagiava e mesmo que por vezes não concordasse com estratégias ou com algumas situações, utilizar isso para refletir na minha prática e para aprender para o meu futuro profissional.

Foi muito importante este contacto com diferentes práticas por parte dos educadores/professores, foi com eles que aprendi muito e consegui delinear uma perspetiva de ensino para mim que se encontra em constante mudança e crescimento.

Ao longo dos estágios em mestrado onde pude verificar a diferença de realidades entre o pré-escolar e o primeiro ciclo, consegui compreender que é de facto a idade mais tenra com a qual gosto de trabalhar, os momentos de carinho e afetividade que se tem e criam com crianças mais pequenas são muito gratificantes e fazem com que trabalhar na área não nos pareça tanto um trabalho. Mesmo assim, em primeiro ciclo gostei muito de estagiar na sala do primeiro ano, foi uma experiência muito diferente, mas com muito encanto e que me levaram a duvidar se não gostaria de trabalhar em primeiro ciclo no futuro.

Considero de facto os estágios a parte mais importante no curso, pois são a parte em que realmente conseguimos comprovar a nossa escolha, se temos as características certas e se foi realmente a escolha certa para a profissão.

No entanto, acho que para pessoas que não tenham tido experiências anteriores e que “caiam” numa sala de pré-escolar por exemplo, pode ser um choque e onde tudo depende do grupo, da forma de trabalhar do educador, das regras da instituição, pode ser um choque muito grande com aquilo que idealizamos.

Ao longo do curso tive muitas dúvidas, pois as experiências que já tinha antes deste curso tanto de licenciatura como de mestrado não conseguia vê-las na teoria dada nas unidades curriculares. Sentia falta da prática, de ensinamentos mais concretos e de uma realidade que não via descrita na teoria apresentada.

Os estágios para mim foram a melhor parte do curso e onde aprendi mais, consegui criar boas relações e bons vínculos, crescer como profissional e encarar a teoria de outra forma.

Sempre senti dificuldades nos estágios ao nível da planificação de atividades, pois como muitos professores diziam, tinha o pensamento ao contrário, eu idealizava o que queria como resultado final, em vez de pensar primeiro no que as crianças aprenderiam com a atividade.

É importante, e foi para mim o melhor ensinamento, de que não interessa os trabalhos nem as paredes cheias, interessa que a criança/aluno tenha conquistado a competência, o conhecimento desejado. É mais importante o processo que passam e como o concretizam do que o resultado final. E foi essa a forma com que me identifiquei a trabalhar.

Importante também era refletir, refletir sobre como procedi, o que poderia melhorar, o que me faltou fazer, avaliar a minha prestação em determinada atividade.

Em suma, os estágios foram o ponto alto dos cursos, foram de onde retirei as maiores aprendizagens e ensinamentos. Deveriam ter uma maior duração para termos hipótese de acompanhar mais tempo os grupos e o seu desenvolvimento.

Foi também nestes estágios que parti para o tema deste relatório, pois dado as observações que fui fazendo, fui verificando aspetos que considerei que alteravam muito a aprendizagem das crianças e dos alunos bem como a forma diferente com que chegavam aos resultados, ao objetivo de determinada prática. Foi nesse sentido que precisei de repensar melhor o que estava por detrás de todo aquele processo e cheguei ao tema da organização do ambiente educativo. Por considerar que este tinha muita influência nas aprendizagens e no desenvolvimento, decidi aprofundar o tema e torná-lo no meu relatório de estágio. Neste campo, em que verifiquei a diferença na organização do ambiente educativo, onde no pré-escolar se centrava mais nas definições de áreas e/ou de cantinhos, e no primeiro ciclo mais voltado para a organização da turma na sala e na forma como isso influenciava o estudo e a aprendizagem que percebi que a relevância dada a esta organização não era a mesma no primeiro ciclo e no pré-escolar.

No primeiro ciclo verificava sempre que a organização tinha em atenção o aluno, a aprendizagem do aluno, enquanto que no pré-escolar, observava que a organização da sala não tinha em conta a aprendizagem da criança, mas sim da disposição da sala. Daí

o meu interesse em focar-me no pré-escolar e tentar compreender melhor esta diferença e o seu motivo.

Parte II – A importância da organização do ambiente educativo na aprendizagem das crianças

1. Fundamentação Teórica da Pesquisa

1.1. O Educador de Infância

A educação de infância portuguesa está em contínua mudança não só quanto à sua forma, mas também quanto à sua natureza. Como tal, a formação do educador de infância tem vindo a sofrer alterações, esta deve de ser encarada como um processo contínuo, e não apenas como uma função que intervém à margem dos projetos profissionais e organizacionais (McBride, 1989).

A educação de infância tem ganho ao longo dos anos, cada vez mais importância no desenvolvimento do ser humano. No relatório, coordenado por Delors, é referido que, para que aprendizagem ao longo de toda a vida seja considerada na sua plenitude, é importante que esta seja fundamentada em quatro pilares: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser”. Neste conceito de aprendizagem ao longo da vida está implícita a ideia da importância dada cada vez mais aos primeiros anos de vida da criança a nível da educação, pois é cada vez mais notório a dimensão e importância que tem na vida futura da criança.

Os quatro pilares apresentados no relatório:

- O primeiro pilar - aprender a conhecer – destaca que é necessário que a educação permita que cada pessoa compreenda o mundo que a rodeia. Para tal é necessário construir o prazer da descoberta, da construção e reconstrução do saber, da curiosidade, da autonomia. Para aprender a conhecer é essencial aprender a aprender, pelo que se torna imprescindível que se aprenda a conhecer aquilo que se observa “exercitando a atenção, a memória e o pensamento” (Delors, et al., 1996, p. 92).
- O segundo pilar - aprender a fazer – está intrinsecamente ligado ao processo anterior de aprender a conhecer. Neste processo, salienta-se a importância da aquisição de competências que se manifestam nas relações interpessoais, tais como: a iniciativa, o gosto pelo risco, o saber comunicar, o saber gerir conflitos, a flexibilidade.
- O terceiro pilar - aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros - reforça a importância da convivência, a “descoberta progressiva do outro” (*Ibidem*, p.

97) e, ao longo de toda a vida, a participação em projetos com objetivos comuns no respeito pelos valores e da compreensão mútua, minimizando as diferenças e até evitando conflitos. Bolívar (2011) refere que a “escola sozinha não pode satisfazer todas as necessidades de formação dos cidadãos” (s/p.). Só assumindo esta tarefa como uma tarefa comunitária em se implique a família, a escola e a comunidade é possível conseguir alicerces fortes na educação e na aprendizagem das crianças.

- O quarto e último pilar - aprender a ser - evidencia a necessidade do desenvolvimento integral da pessoa, criando condições para que cada um possa agir de forma autónoma, com discernimento e responsabilidade pessoal. Como o coordenador do relatório Delors, et al. (1996) vem alertar para o papel essencial da educação, esta deve “conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino” (p. 100).

Contudo, é importante realçar que “...se queremos dar aos jovens a melhor educação, é basilar dar primeiro uma boa formação aos que os vão ensinar.” (Widden e Tisher, 1990 cit. Rodrigues, 2006 p. 20). Segundo a Lei de Bases (Lei nº2/2003), os educadores de infância e os professores dos ensinos básicos e secundário, adquirem a qualificação profissional através de cursos, organizados de acordo com as necessidades do desempenho profissional no respetivo nível de ensino. Os perfis de competências profissionais para o ingresso na carreira docente são definidos pelo Governo.

Segundo o “Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, foi definido o perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e do professor dos ensinos básico e secundário.” que tem por base a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem deste perfil. O educador de infância cria e desenvolve o currículo, “organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas”.

No que diz respeito à organização do ambiente educativo, segundo o decreto-lei 240/2001 o educador de infância “organiza o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas.”. Os materiais também são disponibilizados por este, pretende-se que sejam estimulantes e diversificados. Também lhe cabe a “organização do tempo de forma flexível e diversificada, proporcionando a apreensão de referências temporais pelas crianças” (decreto-lei 240/2001) e ainda responde às

necessidades de acompanhamento e bem-estar, bem como às condições de segurança.

Na descrição do perfil do educador de infância no decreto-lei mencionado em cima, também vem referido aspetos no âmbito da observação, planificação e avaliação, em que o educador de infância deverá observar cada criança, bem como os grupos, de forma a planificar as atividades e desenvolver projetos adequados às necessidades e objetivos de desenvolvimento e aprendizagem. Planifica desta forma a sua intervenção educativa numa forma integrada e flexível, tendo em consideração objetivos abrangentes e transversais, que proporcionem aprendizagens nos vários domínios curriculares. Ainda, é da sua competência, numa perspetiva formativa, avaliar a sua intervenção, ambiente e processos educativos adquiridos, ser reflexivo sobre o seu desempenho, bem como avaliar o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança.

Continuando o documento do perfil do educador, decreto-lei 240/2001, “o educador de infância mobiliza o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, no âmbito da expressão e da comunicação e do conhecimento do mundo”. No domínio da expressão e comunicação, deverá organizar um ambiente que estimule a comunicação, promovendo a comunicação, desenvolvendo a linguagem oral, favorecendo ainda a emergência de comportamentos de leitura e escrita, com atividades de expressão – plástica, musical, dramática e motora. Na expressão plástica o educador de infância permite a exploração de linguagens múltiplas, bidimensionais e tridimensionais, enquanto meios de relação, de informação, estética e de compreensão do mundo.

No domínio do conhecimento do mundo, o educador de infância deverá promover atividades de exploração, observação e descrição. Proporciona a exploração das quantidades, “com recurso à comparação e estimativa e utilização de sistemas convencionais e de processos não convencionais de numeração e medida” – perfil do educador decreto-lei 240/2001. Ainda no perfil do educador, este deverá estimular a curiosidade e a capacidade de identificar características naturais e sociais do ambiente envolvente, despertando desta forma interesse pelas tradições da comunidade.

A qualidade dos educadores é fundamental para a aquisição de conhecimentos e para tal a formação destes deve de ser cada vez mais, de grande qualidade e crescimento, com bases e apoio à construção de um profissional de excelência. Ramos & Nunes, (2007) são da opinião que se deve rever a formação de educadores/professores e os seus programas, no sentido de adequá-los aos desafios que se colocam hoje à educação para os organizar em função das tarefas que o

educador/professor tem de realizar com as suas crianças, uma vez que estes são considerados o centro da ação educativa.

Contudo, a formação do educador não se fecha após conclusão do curso, Seixo (s/d.) considera o educador/professor um ser inacabado, um ser em construção, em constante aprendizagem, que aprende ao longo da vida, que se inscreve num processo contínuo de aprendizagens, reflexões, experiências, e sobretudo, na (re) invenção sucessiva de estratégias para a solução de diferentes problemas.

Segundo Lima (2006, p.76), parafraseando Paulo Freire, “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde, ou seja, ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente faz-se educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.” Cada ser humano é fruto do seu próprio ser e do que o contexto vivencial lhe permite ser (Alarcão, 1997).

O educador de infância trabalha com crianças desde os seus 4 meses aos 6 anos, entrada da criança no 1º Ciclo do ensino básico. No entanto, segundo a legislação em vigor, o sistema educativo português só considera a educação pré-escolar a partir dos três anos de idade, não abrangendo as idades inferiores, sendo estas idades tuteladas pela segurança social.

O educador de infância exerce um trabalho desenvolvido em torno de uma pedagogia participativa, Oliveira-Formosinho & Formosinho (2011) referem que

“as pedagogias participativas produzem uma rutura com uma pedagogia tradicional transmissiva para promover outra visão do processo de ensino-aprendizagem e do(s) ofício(s) de aluno e professor. Os objetivos das pedagogias participativas são o envolvimento na experiência e a construção da aprendizagem na experiência contínua e interativa.”

O educador para Sarmiento (2004)

“(...) são agentes educativos com um saber específico sobre pedagogia da infância e das ciências que ajudam a desempenhar adequadamente o ato educativo, saber específico esse garantido pela existência de um corpo de conhecimentos sistemático, adquirido num longo período de tempo. [...] por definição, possuem capacidade de fazer diagnósticos e de tomar decisões competentes e fundamentadas, ou seja, são autónomos no seu desempenho profissional”.

Já para Fortunati (2009) e Vasconcelos (2009) a sua conceção de educador de infância apoia-se no pensamento de Rinaldi (2006), que apresenta o educador enquanto cocriador

“de saberes e cultura, mais atento[a] à criação de possibilidades do que em atingir objetivos pré-determinados. Afasta-se da falácia das certezas, assumindo, em vez disso, a responsabilidade por escolher, experimentar, discutir, refletir e mudar, incidindo na organização de oportunidades e mantendo o seu trabalho como fonte de prazer e de maravilha... O educador escuta, porque escutar legitima a pessoa”.

Desta forma, entende-se que o educador de infância deve garantir resposta às necessidades básicas de cuidado e acesso aos conhecimentos culturais e historicamente construídos. Estas profissionais nas suas práticas têm que criar espaço para uma ampla “articulação entre o educar e o cuidar” (Cardona, 20011, p.151).

Ainda, “organizar o ambiente e observar a criança para a entender e lhe responder” (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2011, p. 15). Neste sentido, no seu quotidiano o educador tem de usar o seu tempo a “ver as crianças a agir, [a] escutá-las a pensar, [a] aprender a documentá-las para que a sua ação, pensamentos, sentimentos, esperanças se tornem visíveis” (Oliveira-Formosinho & Costa, 2011, p.85).

O educador de infância é, assim, alguém que aposta na relação e na interação com os outros de modo a que (re)construa e consolide os seus conhecimentos teóricos, investindo no desenvolvimento de competências de “processamento da informação profissional, análise e reflexão crítica na ação em sala de aula, no diagnóstico, na decisão educativa, na avaliação de processos e na reformulação de projetos” (Imbernón, 2012, s/p.).

Contudo, não devemos esquecer a criança e a importância que esta tem na aquisição das suas aprendizagens/conhecimentos, para que estas sejam bem sucedidas é preciso que elas participem de forma ativa na procura das respostas para as situações que lhes surgem, esta participação, motivação e interesse é função do educadora de infância, que será o meio para atingir as competências e aprendizagens pretendidas.

Para Vasconcelos (2000a) uma das funções primordiais da educadora de infância é a gestão do currículo já que “[...] independentemente das diferentes modalidades organizacionais das instituições de educação de infância, é o educador o gestor do currículo.”

Existem orientações globais para a intervenção profissional dos educadores de infância, orientações essas que estão organizadas em seis partes:

“Observar - Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades e para recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades.

O conhecimento da criança [...] resulta de uma observação contínua e supõe a necessidade de referências, tais como produtos das crianças e diferentes formas de registo. Trata-se fundamentalmente de dispor de elementos que possam ser periodicamente analisados, de modo a compreender o processo desenvolvido e os seus efeitos na aprendizagem de cada criança.

Planear - Planear o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social [...]

implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.

Agir - Concretizar na ação as suas intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças e tirando partido das situações e oportunidades imprevistas. A participação de outros adultos - auxiliar de ação educativa, pais, outros membros da comunidade - na realização de oportunidades educativas planeadas pelo educador é uma forma de alargar as interações das crianças e de enriquecer o processo educativo.

Avaliar - Avaliar o processo e os efeitos implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.

A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança.

Comunicar - O conhecimento que o educador adquire da criança e do modo como esta evolui é enriquecido pela partilha com outros adultos que também têm responsabilidades na sua educação, nomeadamente colegas, auxiliares de ação educativa e também os pais. Se o trabalho de profissionais em equipa constitui um meio de autoformação com benefícios para a educação, a troca de opiniões com os pais permite um melhor conhecimento da criança e de outros contextos que influenciam a sua educação: família e comunidade.

Articular - Cabe ao educador promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e pela transição para a escolaridade obrigatória” (Despacho N.º 5220/97 de 4 de agosto: III – Orientações globais para o educador).

1.3. Desenvolvimento curricular

O currículo, segundo Alonso (1998), é como um projeto de cultura e de formação que fundamenta, articula e orienta tudo o que a escola oferece como necessário e imprescindível para a educação integral das crianças, tendo em conta a sua individualidade. A autora considera que o currículo deverá ter uma abordagem integrada que atribui à criança um papel fundamental na construção e reconstrução ativa dos saberes, através do estabelecimento de sentido entre os seus saberes e o conhecimento escolar desejável. Partindo das suas vivências, construir e reconstruir conhecimentos e voltar de novo à realidade constitui um ciclo fundamental para a aprendizagem significativa.

Cada educador deve ter uma copia do currículo oficial do ministério da educação, pois este é o guia para o desenvolvimento das atividades, garantindo a consistência e qualidade na educação. Segundo Pinheiro (2010)

“[...] o currículo tem sido enfatizado nas pesquisas educacionais como um instrumento de controle social que perpassa pela estrutura dominante da sociedade adentrando no contexto escolar propriamente dito. O currículo não deve ser compreendido como constituído apenas de conteúdos programáticos impostos, mas de todo o conhecimento carregado de significado, de cultura e valores que transcendem as paredes da sala de aula.”

O documento que orienta a pratica pedagógica do educador é as “Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar” (OCEPE), elaborado pela direção geral da educação. Este documento “baseia-se nos objetivos globais pedagógicos definidos pela referida lei (lei-quadro – lei nº5/97, de 10 de fevereiro) e destinam-se a apoiar a construção e gestão do currículo no jardim de infância (...)” (OCEPE, 2016).

Este documento encontra-se dividido em três grandes áreas de conteúdo, a primeira dedicada a área da formação pessoal e social, a segunda a área de expressão e comunicação e a terceira a área do conhecimento do mundo.

Relativamente a área de expressão e comunicação, esta encontra-se dividida em domínios e subdomínios como representados na tabela seguinte:

Domínios	Subdomínios
Domínio da Educação Física	
Domínio da Educação Artística	Artes Visuais; Jogo dramático/Teatro; Música; Dança.
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Domínio da Matemática	

Tabela 6- Áreas de conteúdo

Como Thompson (1992) refere, o modo como os professores interpretam e implementam o currículo é significativamente influenciado pelos seus conhecimentos e pelas suas concepções. Desta forma, o currículo terá diferentes interpretações, bem como diferentes formas de ser trabalhado, existindo uma flexibilidade curricular.

A flexibilidade curricular assume-se, como uma necessidade tanto social como escolar, já que permite encontrar respostas a vários problemas que preocupam os educadores e fragilizam os sistemas educativos. A diferenciação curricular é de grande importância, pois surge como uma forma de atenuar as diferenças sociais e garantir a igualdade social. Desta forma há uma adaptação do currículo a cada criança, existindo uma adequação ao contexto e às necessidades de cada criança.

A forma como o currículo chega à criança será de grande importância para a sua formação ao longo da vida, como potencia as suas capacidades: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, pensamento crítico e autónomo, iniciativa, imaginação e criatividade.

O currículo da educação pré-escolar tem uma organização própria e seus fundamentos e princípios educativos, que são:

- Desenvolvimento e aprendizagens como vertentes indissociáveis;
- Criança como sujeito do processo educativo;
- Resposta a todas as crianças;

- Construção articulada do saber.

É muito importante que o currículo seja seguido pelos educadores para que as crianças possam ter a mesma preparação para o futuro, independentemente da forma de trabalhar de cada um.

As OCEPE são um documento de apoio muito importante para estes contextos de jardim-de-infância.

1.3 Ambiente educativo

Para definir ambiente educativo, é necessário entender tudo o que desta palavra advém, e, por isso os conceitos de ambiente e espaço podem ser confundidos, contudo quando nos referimos a espaço, este limita-se ao espaço físico e ao que nele existe de objetos e materiais. Quando consultado o perfil específico de um educador de infância (Decreto-Lei 241/2001) é referido que “o educador de infância concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas”, onde se verifica que ambiente educativo não pode querer dizer o mesmo que espaço, sendo que se estes tivessem a mesma definição estaríamos a descurar outras vertentes necessárias para perspetivar o processo educativo de forma integrada.

No entanto, o ambiente educativo é mais abrangente, incorpora não só o espaço, como o tempo, os materiais e ainda as relações interpessoais, Bronfenbrenner, diz que o ambiente educativo “apresenta como factores (...) o tempo, o espaço, as relações e papéis interpessoais”. Sendo que no último caso (criança-ambiente) uma perspetiva sistémica e ecológica em que “esta abordagem assenta no pressuposto de que o desenvolvimento humano constitui um processo dinâmico de relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive.” (OCEPE, 2016).

Ferrão Tavares (2000, p. 33) afirma que é importante refletir sobre a organização do espaço na aula como meio de facilitar a interação.

O ambiente educativo não é algo isolado, faz parte de todo um conjunto de factores que visam dar resposta a todas as necessidades educativas, além que o ambiente pode ter duas influências: direta e indireta. Em que a primeira é quando o ambiente educativo está ligado às facilitações, limitações, provocações ou impedimentos de uma determinada aquisição e na segunda refere-se aquando não é o ambiente que influencia a atividade e sim outros factores.

A forma como o espaço está previamente organizado deve fornecer experiências facilitadoras de aprendizagens para o grupo no geral, bem como para a criança de forma individualizada. Esta organização de espaço que se pressupõe estimulante, é hoje em dia uma das maiores inquietações dos profissionais de educação, sendo que o importante é que as crianças que usufruem do mesmo consigam não só ver a sua organização, bem como a sua forma de utilização permitindo que a mesma seja um suporte ao desenvolvimento curricular. Ainda assim é fundamental que seja permitido às crianças fazer, escolher e aprender, “A organização do equipamento tem de ser

suficientemente funcional e acessível às crianças, para que estas consigam encontrar sozinhas aquilo de que necessitam para o desenvolvimento das actividades que escolheram” (Cardona, M. 1992, p. 12).

Segundo Arends (2008) quando se fala na disposição dos materiais, das mesas e dos alunos, o espaço é um recurso importante que é planificado e gerido pelos educadores. A forma como o espaço é utilizado interfere no ambiente da sala, influencia o diálogo e a comunicação e tem efeitos emocionais e cognitivos importantes nos alunos.

Os materiais que são disponibilizados no ambiente educativo devem ajudar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, dar atenção a que os materiais sejam diversificados e ao longo do tempo desafiantes, aliando isto às necessidades/dificuldades e individualidade de cada criança. Tal como refere Lopes da Silva (2016) a “escolha dos materiais deverá atender a critérios de qualidade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético”. É de referir ainda que esta organização seja de fácil acesso para as crianças, e que promova autonomia e independência, assim como partilha e cooperação.

Segundo M^a João Cardona (1992, p.9), “(...) a criança aprende sobretudo através da acção/experimentação, sendo fundamental o proporcionar-lhe um ambiente rico e estimulante, sendo também sublinhada a importância de existir uma organização espaço-temporal bem definida, que permita à criança situar-se e funcionar autonomamente dentro da sala.”

No que diz respeito à organização do tempo, este deve dar resposta ao desenvolvimento e aprendizagem do grupo, além de proporcionar à criança tempo para expressar os seus objetivos e intenções. Na educação pré-escolar é muito usual criar-se rotinas para todos os momentos, o que facilita às crianças a fazerem uma previsão do seu dia. “A vivência destas diferentes unidades de tempo permite que a criança se vá progressivamente apropriando de referências temporais que são securizantes (...)” (OCEPE 2016).

Este tempo educativo é flexível o que permite dar liberdade a alterações sendo que a rotina pedagógica é intencionalmente planeada. “A existência de uma clara explicitação da sequência diária, é considerada como fundamental para que a criança se consiga orientar ao longo do dia, sem necessitar de estar constantemente na dependência do adulto (...)” (Cardona, M. 1992, p. 9).

Também numa perspetiva sistémica e ecológica as relações e interações são essenciais, o ambiente educativo proporciona diversas formas de relações, sendo essas aproveitadas nas suas potencialidades.

Oliveira (2008) evidencia que quando falamos em espaço não significa apenas a sala, as atividades propostas às crianças podem ter lugar em vários locais e estender-se à rua, ao bairro e à cidade, por isso é importante ter em conta a organização e condições destes espaços.

Segundo Barker (1968) citado por Zabalza (1992), o meio ou contexto possui as suas próprias estruturas que facilitam, limitam e ordenam o comportamento das crianças. Os diferentes ambientes terão influência nos diferentes comportamentos que surgem, como refere Malik, citando Sommer (1965) “o comportamento resulta em parte das características particulares do mundo físico”. Nesta dimensão relacional, as relações que se estabelecem, dizem respeito à forma como as crianças utilizam os espaços bem como à forma de participação do educador e às atividades que as crianças realizam. Um espaço pode assumir diferentes funções dependendo do tipo de atividades, sendo que o tapete pode ser utilizado para as reuniões de grande grupo bem como para dar apoio à biblioteca.

Como já referido, o ambiente educativo pode ser facilitador ou limitador do processo de aprendizagem, essa influência está em conformidade com os objetivos e dinâmicas gerais das atividades. Devemos desta forma considerar a bidimensionalidade do espaço, como referido por Zabalza (1992), em que por um lado é um contexto de aprendizagem e por outro um contexto de significados.

No contexto de aprendizagem já foi referido “tudo o que a criança faz/aprende sucede num ambiente, num espaço cujas características afetam a conduta ou aprendizagem” (Zabalza, 1992). No contexto de significados, a disposição dos materiais e equipamentos irão compor o ambiente de uma determinada forma, que por sua vez influenciará as crianças, pois irá adquirir sentido para elas e exercer os seus efeitos. Ao ser modificado, o ambiente, o comportamento também se altera. É nesta influência que se fala nos facilitadores ou limitadores de aprendizagem, condicionando os processos educativos.

Será aqui que o educador deve estar atento, refletindo no espaço educativo sempre e alterá-lo caso seja necessário, visando a adequação, meio facilitador, estimulante e rico em oportunidades e experiências, pois este exerce um papel ativo no processo educativo seja qual for o modelo pedagógico usado pelo educador,

“É uma das atribuições fundamentais, talvez mesmo a principal, na escola infantil é a de criar um ambiente adequado: não se trata de ensinar nada, em sentido convencional, mas criar ambientes ricos e estimulantes que permitam, e potenciem, o desenvolvimento global de todas as crianças.” (Zabalza, 1992).

É do conhecimento de qualquer profissional de educação que são vários os modelos pedagógicos que existem e que, conseqüentemente influenciam as intenções pedagógicas do próprio.

No currículo da educação pré-escolar, a organização do ambiente educativo assume um lugar primordial, no que diz respeito à intervenção educativa. O mesmo acontece com os modelos pedagógicos que, na sua estruturação, também definem linhas orientadoras para a organização dos espaços.

Assim, quando cada profissional de educação adota um modelo de organização e gestão curricular deverá basear-se na sua prática pedagógica, uma vez que é através desta que o mesmo vai construindo os seus próprios referenciais, bem como o seu próprio modelo pessoal que, muitas das vezes, é apoiado por outros modelos e autores de referência.

2. Problemática e objetivos do estudo

A temática deste estudo, surgiu ao longo das várias observações nos estágios curriculares, realizados ao longo do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Nestes estágios foram observados diferentes ambientes educativos que me levaram a questionar sobre a organização dos mesmos, tendo em conta a influência facilitadora ou limitadora que têm na aprendizagem das crianças em contexto de jardim de infância.

Tal como Zabalza (1992) afirma,

“É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das atividades instrutivas. Será facilitador, ou pelo contrário limitador, em função do nível de congruência relativamente aos objetivos e dinâmica geral das atividades postas em marcha ou relativamente aos métodos educativos e instrutivos que caracterizem o nosso estilo de trabalho.” (p.120).

Pela minha observação, diversas leituras e aquisição de conhecimentos na licenciatura e posteriormente no mestrado, a organização do ambiente educativo tem influência nas aprendizagens da criança, sendo este um potenciador de oportunidades. Como tal é meu objetivo entender como o espaço contribui para o processo ensino-aprendizagem das crianças, os seus conhecimentos e as suas capacidades, no Jardim de Infância. Para além disto, surge a questão se o envolvimento das crianças na organização do ambiente educativo, contribui para uma melhor aprendizagem.

Como Zabalza (1992) refere o ambiente educativo enquanto contexto de aprendizagem, “constitui uma rede de estruturas espaciais, de linguagens, de instrumentos e, conseqüentemente, de possibilidades ou limitações para o desenvolvimento das atividades formativas.”

Quando os espaços estão organizados de forma facilitadora para as crianças, o mesmo faz com que as crianças consigam envolver-se ativamente na aprendizagem, tomem a iniciativa e também com que os adultos fiquem mais livres para interagir e ajudá-las na aprendizagem. É de salientar que o adulto deve ter o enfoque da importância e valorização das diferenças de cada criança aquando a organização da sala.

É no campo das transformações educativas que o ambiente educativo pode ser tomado como um recurso pedagógico. Foi neste sentido, como referido anteriormente, que se prendeu o objetivo deste estudo.

Deste modo, os objetivos do estudo eram compreender a organização do ambiente educativo no pré-escolar; verificar a importância dada ao ambiente educativo pelos educadores; estudar a importância do ambiente educativo na aprendizagem.

Assim, foi formulada a seguinte questão:

De que forma a organização do ambiente educativo contribui para a aprendizagem das crianças nos diferentes níveis de ensino?

3. Participantes do estudo

Este questionário (anexo A) que possui características da investigação sobre a prática pedagógica foi respondido por uma amostra de quarenta educadores.

Estes com idades compreendidas entre os 25 e os 58 anos, eram na sua maioria do sexo feminino, sendo que apenas um era do sexo masculino.

Foram participantes escolhidos aleatoriamente dada a natureza da forma como o questionário foi implementado, através de um grupo de uma rede social.

4. Metodologia de estudo

O estudo foi desenvolvido após a realização dos estágios, e por esse motivo, a recolha de dados não foi realizada em contextos da prática pedagógica (estágios).

Para a realização deste estudo de natureza qualitativa, como Bogdan e Biklen (1994), referem, a abordagem qualitativa é "uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das perceções pessoais" (p.11), e após ter lido diversa bibliografia sobre o tema do ambiente educativo e tudo o que a ele está relacionado, conjugando com a prática pedagógica realizada nos vários semestres focando-me mais nos estágios de pré-escolar, decidi elaborar um questionário.

De acordo com o pretendido para esta investigação, optei por realizar um questionário, sendo este um instrumento de recolha de dados que me possibilitou desta forma ter acesso às várias apreciações que os educadores têm sobre a importância do ambiente educativo.

Para a obtenção das respostas ao questionário, devido a ter pouco tempo e precisar de uma amostra maior, decidi recorrer às tecnologias para realizar o questionário. Criei o questionário através de uma plataforma online do google e depois de o criar, fui até grupos de educadores numa rede social onde se partilha informações do dia-a-dia com crianças, se sugerem atividades, entre outras situações e solicitei ajuda para o preenchimento do meu questionário.

Como é um grupo de partilha e entre ajuda entre profissionais da mesma área foi fácil encontrar educadores dispostos a ajudar me e a preencherem o inquérito.

Infelizmente não realizei um teste prévio ao questionário, apresentei-o logo a todos os educadores ao mesmo tempo sem testar as perguntas.

Mesmo assim considero que o facto de o ter colocado numa plataforma digital foi uma boa forma de obter respostas mais abrangentes e de não me ter focado apenas aos educadores com que estagiei no decorrer do curso, assim tive opiniões de diferentes educadores de diferentes valências e instituições.

3. Apresentação e análise dos dados

Após a recolha e análise dos dados obtidos através do questionário (anexo B) em que dos quarenta educadores que responderam, trinta e nove eram do sexo feminino, e apenas um do sexo masculino. Na sua maioria são educadores entre os vinte e seis e os trinta e seis anos e nesta amostra também a maioria respondeu que exerce no ensino privado.

Sendo que 60% desta amostra têm como habilitação académica a licenciatura, sendo que os restantes inquiridos têm o mestrado como habilitação académica.

Pouco mais de 50% respondeu que não segue nenhum modelo pedagógico específico. No entanto, na outra parte da amostra que respondeu que segue, os modelos mais referidos, onde a diferença é de apenas um inquirido, são o Movimento da Escola Moderna e a Metodologia de Projeto, como se pode verificar no gráfico seguinte. Nesta resposta é necessário ter em atenção que alguns dos inquiridos mencionaram mais do que um modelo pedagógico, e por isso a falta de coerência no número de respostas e o número de inquiridos.

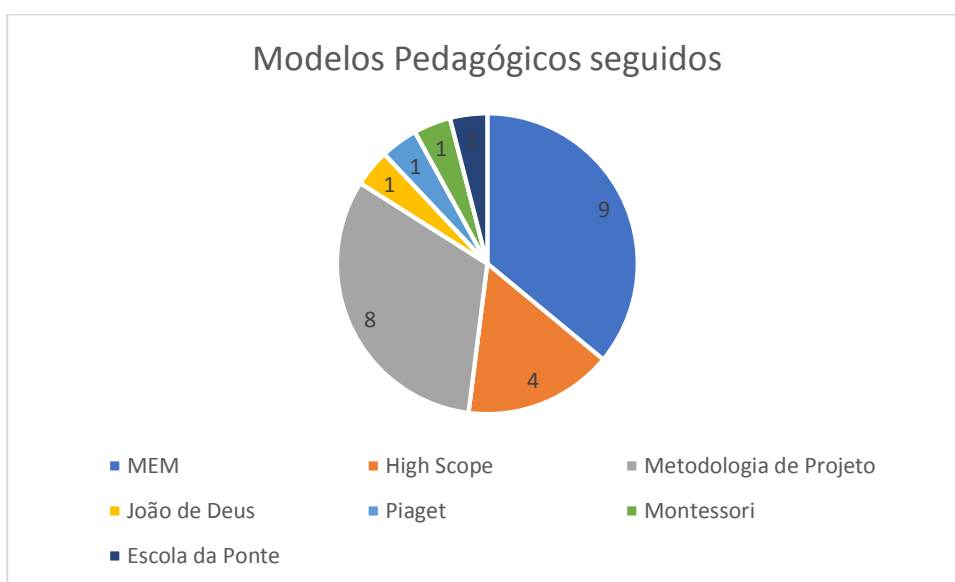


Gráfico 5 - Modelos pedagógicos seguidos

Ao analisar a questão *o que entende por organização de ambiente educativo*, encontramos pontos em comum e que se destacam. Podemos salientar que todos os educadores que fazem parte da amostra referem que o ambiente educativo é toda a envolvente física (dentro e fora da sala - tudo o que envolve a criança), desde o grupo, equipa, instituição, disposição das áreas na sala, até a rotina diária é considerada parte da organização do ambiente educativo, bem como as relações. Sendo que o que mais

se salienta e que é considerado como o mais importante, é que seja um ambiente favorável a aprendizagem e autonomia das crianças, destaco um comentário dado por uma educadora, que vai ao encontro de muitos outros e reflete o que foi mencionado “o ambiente educativo é tudo o que permite à criança se envolver no seu processo de aprendizagem”.

Ainda sobre o ambiente educativo e o que ele envolve, apresento no gráfico 6 as respostas e percentagens dadas aos campos que consideravam estarem incluídos na temática, além de obter altas percentagens nas opções dadas por mim: espaço (95%), materiais (92,5%), relações interpessoais (80%), tempo (77,5%), áreas da sala (77,5%), ainda alguns inqueridos acrescentaram outras opções que consideraram importantes a ter em conta, como: rotinas, organização do adulto, apoio do adulto, dinâmicas de aprendizagem.

Sobre o ambiente educativo, quais os campos que considera estarem incluídos na temática? (selecione a/as opção/opções)

40 respostas

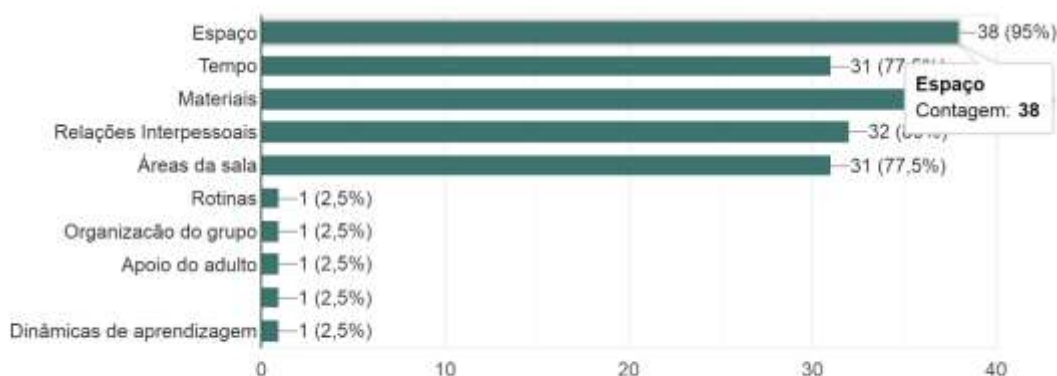


Gráfico 6 - Campos inseridos na temática

Todos os educadores que responderam têm a mesma opinião sobre os campos que estão presentes no ambiente educativo, o que demonstra considerarem esta temática de grande relevância, o que vem a ser comprovado com a análise da resposta dada à questão “Quando realiza as suas planificações tem em conta o ambiente educativo”, teve uma percentagem de 100%. Os educadores ao planificarem atentam e refletem sobre o ambiente que têm na sua realidade, pois a par disto consideram que influencia a aprendizagem das crianças (obtive uma percentagem de 100%).

Isto leva-me à questão seguinte, em que sentido o ambiente educativo exerce a sua influência na aprendizagem da criança segundo a amostra deste estudo. As

diferentes respostas obtidas tiveram grandes pontos em comum, todos os inqueridos concordam em que um ambiente educativo organizado, tem grandes potencialidades de aprendizagem, pois tudo tem a sua intencionalidade, o que permite responder às necessidades do grupo e às necessidades individuais. Há até quem considere que “*sem o ambiente educativo pensado, refletido e incluído nas planificações não há um trabalho eficaz.*”, pois este reflete as intenções educativas do educador.

Continuando a ter em conta as respostas obtidas e sua análise dos pontos em comum, os inqueridos dizem que todo o meio cria um interesse, um ambiente organizado é promotor de aprendizagem e bem-estar, sendo este um meio estimulante para o desenvolvimento das diferentes áreas curriculares. Quanto mais rico e mais estimulante, maior e melhor a predisposição para a aprendizagem, sendo a autonomia e liberdade de escolha também algo muito mencionado.

Sendo o ambiente educativo importante na aprendizagem da criança, segundo as respostas obtidas anteriormente, analisei de seguida o que estes diziam acerca da participação das crianças na organização do espaço, se achavam ou não importante este envolvimento. Após leitura de todas as respostas, verifiquei pontos em comum e que entram em concordância. Dos inquiridos, 90% disse que “sim” à importância da participação da criança na organização do espaço, acreditam que o envolvimento da criança na sua organização é importante e até fundamental, pois é o sujeito que utiliza o espaço e beneficia dele. Ao participar na sua organização toma-o como seu, criando uma ligação emocional, meio onde tem possibilidade de escolha e tomada de decisão, são escutados os seus interesses e necessidades. Referem ainda que estamos a dar-lhes independência, liberdade de expressão e a permitir-lhes serem agentes ativos na sua aprendizagem.

Pois, a criança, aprende essencialmente quando vive e experiencia, além de promover o respeito, autonomia e responsabilidade.

Mas será que o ambiente educativo deverá manter-se da mesma forma ao longo do ano letivo, foi esta a questão colocada de seguida e que se encontra representada no próximo gráfico.

Ao longo do ano letivo, costuma realizar alterações? Como por exemplo, na disposição da sala.

40 respostas

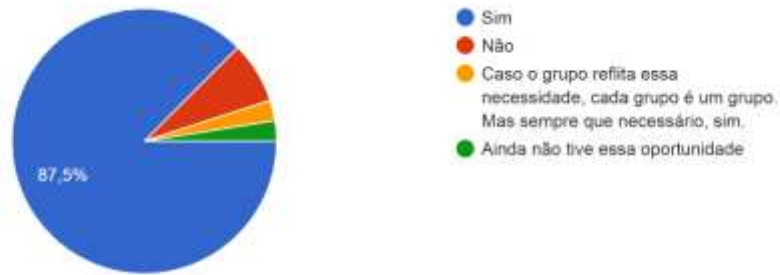


Gráfico 7 - Alterações ao longo do ano letivo

Ao observar o gráfico anterior (gráfico 7), verificamos que 87,5% dos inqueridos disseram que alteravam o seu ambiente durante o ano letivo, havendo apenas 7,5% (três inqueridos) que disseram não realizar alterações ao longo do ano letivo.

Foi minha intenção saber que tipo de alterações fazem, e ao analisar as respostas dadas, posso dizer que referiram fazer alterações na disposição das áreas da sala, alterações espaciais, mudança das áreas existentes ou, por vezes, implementação/substituição de espaços e a nível dos materiais (substituição ou acrescentar novos). Todos os educadores que responderam destacam que estas alterações ocorrem por necessidade do grupo.

Também nestas alterações 97,3% da amostra diz ser benéfico envolver as crianças nestas alterações.

Estão todos de acordo em que devem refletir sobre o ambiente educativo, pois é através dessa reflexão, que conseguem avaliar os efeitos nas aprendizagens, e que mesmo esta reflexão deve ser realizada com o grupo de crianças, dando voz ao agente ativo do espaço educativo.

Para finalizar esta análise das respostas dadas pela amostra ao questionário, refiro os pontos que se destacam das últimas informações deixadas pelos educadores e que pela sua análise vão ao encontro ao que já foi mencionado anteriormente. Foi novamente referida a importância da reflexão do educador sobre o espaço educativo, mas incluir também as crianças nessa mesma reflexão, sendo importante observá-las no espaço e escutá-las no espaço e nos diálogos sobre o mesmo. Uma opinião que me despertou atenção e que realço foi "Um aspeto para o qual ainda não estamos todos na educação sensíveis e atentos. E também importante noutros níveis de escolaridade.". Esta opinião deixou-me a formular novas questões para um futuro, Será que o ambiente educativo não tem tanta importância nos outros níveis de escolaridade como tem no pré-escolar? Estarão os professores despertados para a importância do mesmo nas aprendizagens ou após o pré-escolar já não tem relevância na aprendizagem?

4. Conclusão de estudo

Após os vários estágios, diversas leituras, a análise dos questionários e reflexão de tudo o que envolve este estudo, posso referir que me foi possível obter respostas às minhas questões de estudo, que foram: De que forma a organização do ambiente educativo contribui para a aprendizagem das crianças nos diferentes níveis de ensino? e, Deverá o educador contar com a participação das crianças na organização do ambiente educativo?

Em relação à primeira questão, relendo a informação já mencionada e refletindo sobre a mesma, posso mencionar que no currículo da educação pré-escolar, a organização do ambiente educativo assume um lugar primordial, no que diz respeito à intervenção educativa e conseqüentemente a sua importância na aprendizagem.

Entende-se por ambiente educativo toda a envolvente física (todo o espaço que envolve a criança), seja este dentro ou fora da sala - desde o grupo, a equipa pedagógica, a instituição, à disposição das áreas na sala, até, a rotina diária é considerada parte da organização do ambiente educativo, bem como as relações interpessoais.

Como já foi dito anteriormente, Zabalza (1992) refere o ambiente educativo enquanto um contexto de aprendizagem, “constitui uma rede de estruturas espaciais, de linguagens, de instrumentos e, conseqüentemente, de possibilidades ou limitações para o desenvolvimento das atividades formativas.”.

É neste sentido que o educador deve estar atento, de forma a que o ambiente proporcione bem-estar, e boas relações interpessoais, sem esquecer, e, de igual forma importante, deverá ser um espaço favorável à aprendizagem e autonomia, pois as crianças encontram-se num processo de construção da sua identidade, movimenta-se agilmente e cria as relações com as coisas e com os outros, sendo aqui importante também a segurança física e afetiva. O espaço deverá proporcionar segurança à criança para que esta tenha iniciativa e possam ser ultrapassadas as inibições que possam existir. Com isto, não devemos descurar, também de um dos aspetos mais importante a ter em conta, que é o de o ambiente educativo ser acolhedor, para que cada criança e adulto se sinta confortável, bem, e que permita a serenidade, o livre movimento e expressão.

Um ambiente educativo, bem estruturado e refletido, será um grande potenciador de oportunidades, tal como Zabalza (1992) afirma, “é uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das atividades instrutivas. Será facilitador, ou pelo contrário limitador (...).” (p.120).

Será através da observação, reflexão e avaliação que o educador entenderá se o ambiente educativo favorece experiências facilitadoras para o grupo em geral e para a criança de forma individualizada, criar harmonia entre o individual e grupo, em que as crianças podem responder às suas necessidades e desejos individuais, em sintonia com as atividades em grupo. Serão os espaços estimulantes que permitirão o desenvolvimento curricular, nas diferentes áreas. Desta forma, permitir à criança fazer, escolher e aprender, tornando-o num sujeito ativo na sua aprendizagem, refere Zabalza (1992) “(...) podemos concluir que a forma como organizamos e utilizamos o espaço físico da sala constitui em si mesmo, uma mensagem curricular (...)”.

Quando o ambiente não está a responder às necessidades do grupo, individuais, a proporcionar boas interações interpessoais, a criar um ambiente de bem-estar ou existe alguma necessidade de criar novos espaços, este deverá ser alterado de forma a responder à carência ou a proporcionar novos estímulos, isto leva-me à segunda questão – deverá o educador contar com a participação das crianças na organização do ambiente educativo?

Sendo as crianças o sujeito ativo das suas aprendizagens, estas devem estar envolvidas neste processo. Onde criam o seu contexto de significados, pois ao participar na disposição dos equipamentos e materiais, estas serão influenciadas, adquirindo sentido para elas, uma ligação emocional estará muito presente. Além do envolvimento ser importante, a criança é escutada e valorizada.

Neste sentido, sempre que surja a necessidade de mudança no ambiente, este deverá contar com a participação da criança, incluí-la em tudo a que a ela diz respeito, direta ou indiretamente. Esta mudança, como já mencionado, deve visar a sua adequação, permitindo a curiosidade e exploração, enriquecendo e diversificando os espaços, tornando-o um meio facilitador, estimulante e rico em oportunidades e experiências, pois exerce um papel ativo no processo educativo seja qual for o modelo pedagógico seguido pelo educador.

A razão pela qual é dada tanta importância ao ambiente educativo, além de todas as razões mencionadas anteriormente, é que o ambiente influencia o sujeito, como o sujeito influencia o meio, daí surgir, por vezes, necessidade de mudança ou criação de novos espaços/áreas, por exemplo. Isto vai ao encontro das OCEPE (2016) “(...) processo dinâmico de relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive.”.

É também já do meu conhecimento, através da prática pedagógica e do estudo realizado, que a criança aprende através da ação, tal como refere a Cardona (1992) “(...) a criança aprende sobretudo através da ação/experimentação, sendo fundamental proporcionar-lhe um ambiente rico e estimulante (...)”.

Como já referi neste estudo, os diferentes ambientes terão influência nos diferentes comportamentos que surgem, como refere Malik, citando Sommer (1965) “o comportamento resulta em parte das características particulares do mundo físico”, como as crianças utilizam o espaço, para que essa utilização seja com uma boa relação emocional, é importante que a criança faça parte ativa na sua organização.

Tudo isto aponta para uma necessidade de um bom ambiente educativo, refletido (avaliando os seus efeitos no grupo e individualmente) e em conformidade com as necessidades do grupo, para que seja de grandes possibilidades, favorecendo a aprendizagem, que com todo este estudo podemos entender a grande importância que ele tem na aquisição de competência e desenvolvimento individual.

No entanto, e para finalizar, como refere Malik (2003) a qualidade do meio físico depende da qualidade dada à sua utilização, por mais estruturado e facilitador que seja o ambiente educativo é fundamental a qualidade nas ofertas educativas dadas, o ambiente é uma parte de um todo que constrói e proporciona aprendizagem/desenvolvimento.

Considerações Finais

A obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, trouxe-me até este grande percurso que foi realizar toda a minha licenciatura, o curso de mestrado e agora a este relatório final.

Desde muito cedo na minha vida que decidi que queria tirar o curso para ser educadora de Infância, e ao longo da minha passagem pela licenciatura na ESES e pela diferença de semestres que existia decidi também optar por um mestrado que incluísse o Primeiro Ciclo e ter assim um futuro com mais abrangência de áreas.

No entanto, ao longo dos estágios vividos comprovei que a minha paixão profissional se prendia no Pré-Escolar, e também daí ter incidido o meu estudo para este relatório nessa área.

Foram cinco anos da minha vida em que tive de me esforçar muito para me manter a estudar, pois não tinha muitas facilidades económicas e precisei sempre de ir conjugando o trabalho com os estudos, mas o facto de ter tido alguns trabalhos na área ao longo do curso foram sempre uma mais-valia nas minhas experiências e na minha profissionalização.

Durante este período de tempo adquiri vários conhecimentos para exercer na minha vida profissional, foram-me ensinadas várias técnicas, abordagens, estratégias para aplicar nos diferentes grupos, com diferentes faixas etárias.

Quando iniciei o meu curso, já tinha alguma prática, pois já tinha exercido como auxiliar de educação antes e considero que isso foi uma grande vantagem no meu percurso, pois ter a prática faz com que seja mais fácil de entender a teoria e até muitas vezes de a compreender ou de saber como a realizar. Por outro lado, também considerei que esta experiência como auxiliar me fazia quebrar um bocadinho na parte de educadora e de exercer mais esse papel ativamente. Claro que ao longo das práticas fui melhorando essa minha postura.

O tema da minha investigação partiu muito pelo facto das experiências diversas que tinha tido e que tive ao longo do curso, e por ter observado a diversidade de ambientes educativos existentes, bem como as formas como poderiam ser planeados e geridos no dia-a-dia.

No entanto, considero que muito mais seria possível de investigar e aprofundar partindo do que abordei neste relatório, e como mencionei na minha conclusão de estudo, seria também uma mais-valia alargar a outras faixas etárias e verificar se continuaria a ser dado ao ambiente educativo a importância que é dado no pré-escolar.

Este relatório foi um processo muito demorado para mim, pois quando terminei as aulas de mestrado no final do ano letivo de 2016/2017 em junho, em outubro comecei

logo a trabalhar na área e isso fez com que fosse deixando para trás esta etapa e por isso a tivesse adiado por mais dois semestres adicionais, contudo acredito que as coisas acontecem sempre no tempo certo e este foi o plano para mim.

O que retiro desta experiência de vida, é que devemos sempre continuar empenhados em querer saber mais, em adquirir sempre mais conhecimento e que todos os dias há situações novas no nosso cotidiano e que devemos estar sempre preparados para todas as que possam surgir.

Por isso, todo este processo, estes cinco anos de estudo, serão, sem sombra de dúvida para sempre o meu grande pilar, a minha base de conhecimento, que espero que aumente de dia para dia através de mais formações e de mais experiências.

Referências bibliográficas

- Alarcão, I. (1997). – Em Prefácio de Sá-Chaves, I. (Org). Percursos de Formação e Desenvolvimento Profissional (pp. 7-8). Porto: Porto Editora.
- Barros, L. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar*. (Relatório de estágio de Mestrado. Instituto Politécnico de Bragança).
- Bento, J. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bolívar, A. (2011). *Uma tarefa comunitária*. Obtido em 29 de agosto de 2012, de Revista Pátio Educação Fundamental, Porto Alegre, N.º 58, maio/julho: <http://www.grupoa.com.br/site/revista-patio/artigo/6288/uma-tarefa-comunitaria.aspx>
- Brazelton, T. B., & Crammer, B. G. (1992). *As Primeiras Relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Camacho, M. (2012). *Materiais manipuláveis no processo ensino/ aprendizagem da Matemática – Aprender explorando e construindo*. (Relatório de Estágio de Mestrado, Universidade da Madeira).
- CARDONA, M. J. (1992). A Organização do Espaço e do Tempo na Sala de Jardim de Infância. In: Seabra, M. (org.). *Cadernos de educação de infância* (Nº 24). Associação dos Profissionais de Educação de Infância. Lisboa
- Cavichia, D. (sem data). *O Desenvolvimento da Criança nos Primeiros Anos de Vida*. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
- Delors, J., Al-Mufti, I., Amagi, I., Carneiro, R., Chung, F., Geremek, B., et al. (1996). *Educação: Um tesouro a descobrir (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI)*. Porto: ASA.
- Fortunati, A. (2009). *A educação infantil como projeto da comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família*. Porto Alegre: Artmed.
- Hernández, F. (2000) *Cultura visual, mudança na educação e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed.
- Hohmann, M. & Weikart, D., (2003). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Imbernón, F. (2012). *Nova capacitação para um novo século e uma nova educação*. Obtido em 27 de setembro de 2012, de Revista Pátio Educação Fundamental, Porto Alegre, N.º 62, maio/julho: <http://www.grupoa.com.br/site/revista-patio/artigo/6912/nova-capacitacao-para-um-novo-seculo-e-uma-nova-educacao.aspx>
- Lima, A. C. R. E. (2006). *Caminhos da aprendizagem da docência: os dilemas profissionais dos professores iniciantes - Dissertação do Mestrado em educação e Contemporaneidade*. Salvador, Brasil.
- Malik, L. (sem data). *Será a escola facilitadora de aprendizagem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ME (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica-Ministério da Educação.
- ME/DEB (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa: ME/DEB
- Oliveira-Formosinho, J., & Andrade, F. F. (2011). O Espaço na Pedagogia-em-Participação. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação* (pp. 9-70). Porto: Porto Editora.
- Pereira, T. R. S. (2013). *Relatório de estágio em Educação Pré-Escolar*. Relatório Final de Estágio de Mestrado. Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Educação
- Piaget, J. (1983). *Seis estudos de psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Pinheiro, M. S. D. (2010). A materialização do currículo na escola multisseriada ribeirinha. In: ROCHA, Maria Isabel Antunes; HAJE, Salomão Mufarrej. (Org.). *Escola de direito: reinventando a escola multisseriada*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 193-2016.
- Ramos, M. & Nunes, M. (2007). Formação contínua como processo de colaboração e mudança na escola. In Sousa, J. M. e Fino, C. N. (Org.). *A Escola Sob Suspeita* (pp. 243-253). Edições ASA Editores.
- Rodrigues, D. (2006). Dez ideias (mal) feitas sobre educação inclusiva. In D. Rodrigues (ed.), *Educação Inclusiva. Estamos a fazer progressos?* Lisboa: FMH Edições.
- Sarmento, M. (2004). As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade. In M. J. Sarmento, & A. B. Cerisara (org.), *Crianças e Miúdos. Perspectivas Sócio-Pedagógicas da Infância e Educação* (pp. 9-34). Porto: Edições ASA.
- Seixo, C. (s/d). Identidade profissional do professor. Em, <http://infor.cef.pt/56/26cilia.pdf>.
- Teixeira, M. T., & Reis, M. F. (2012). A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa. *Meta: Avaliação*, 4 (11), 162-187.

- Thompson, A. G. (1992). Teachers' beliefs and conceptions: A synthesis of the research. In D. Grows (Ed.), *Handbook of research on mathematics teaching and learning* (pp. 127–146). New York, NY: Macmillan Publishing Company.
- Vasconcelos, T. (2000). Ao ritmo de um cortador de relva: entre o “estar lá” e o “estar aqui”, o “estar com”, dilemas e complexidades da etnografia em caminhos pós-modernos de multivocalidade. *Educação Sociedade & Cultura*, N.º 14 , 37-58.
- Vaz, M. (2011). *Concepções de Futuros Professores acerca da Planificação de Processo de Ensino-Aprendizagem*. (Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.)
- ZABALZA, M. (1992). *Didáctica da Educação Infantil*; Lisboa; Edições ASA

Legislação consultada

Lei de bases, Lei nº 2/2003

Despacho nº5220/97 de 4 de agosto

Decreto Lei 241/2001 de 20 de agosto

Anexos

Anexo A – Questionário realizado

A importância da organização do ambiente educativo

Sou aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação de Santarém. O presente questionário visa a elaboração de um relatório sobre o tema: A importância da organização do ambiente educativo na contribuição para a aprendizagem das crianças no pré-escolar, para a conclusão do mestrado mencionado. É neste sentido que venho pedir a sua colaboração no seu preenchimento da forma mais completa e sincera que puder. As respostas são anónimas e os resultados destinam-se apenas a efeitos académicos. Agradeço desde já o seu contributo, a aluna Joana Borges.

*Obrigatório

I. Dados pessoais e profissionais

(assinale, por favor, a resposta que mais se adequa à sua situação)

1.1 Sexo *

- Feminino
- Masculino

1.2 Idade *

- < 25 anos
- 26 - 36 anos
- 37 - 47 anos
- 48 - 58 anos
- > 59 anos

1.3 Habilitação Académica *

- Bachelato
- Licenciatura
- Mestrado
- Licenciatura com Mestrado integrado
- Doutoramento
- Outra: _____

1.4 Instituição atual onde exerce *

Pública

Privada

Segue algum modelo pedagógico? *

Sim

Não

Se respondeu sim na anterior, qual o modelo/modelos?

A sua resposta _____

SEGUINTE

A sua opinião sobre a organização do ambiente educativo

(assinale, por favor, a resposta que mais se adequa à sua situação)

O que entende por organização de ambiente educativo? *

A sua resposta _____

Como classifica a importância do ambiente educativo na aprendizagem?

*

	1	2	3	4	5	
Pouco importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito importante

Sobre o ambiente educativo, quais os campos que considera estarem incluídos na temática? (selecione a/as opção/opções) *

☐ -

- Espaço
- Tempo
- Materiais
- Relações Interpessoais
- Áreas da sala
- Outra: _____

Quando realiza as suas planificações têm em conta o ambiente educativo?

*

- Sim
- Não
- Outra: _____

Considera que o ambiente educativo influencia a aprendizagem da criança? *

- Sim
- Não
- Outra: _____

Se sim, em que sentido?

A sua resposta _____

Na sua opinião, a organização da sala estimula o desenvolvimento das diferentes áreas curriculares? *

- Sim
- Não
- Outra: _____

Considera que a criança deverá participar na organização do espaço? *

Sim

Não

Outra: _____

Em que sentido é ou não importante a inclusão da criança nessa organização? *

A sua resposta _____

Ao longo do ano letivo, costuma realizar alterações? Como por exemplo, na disposição da sala. *

Sim

Não

Outra: _____

Se sim, que alterações realiza?

A sua resposta _____

Nessas alterações, seria benéfico envolver as crianças?

Sim

Não

Outra: _____

Costuma refletir sobre este tema de ambiente educativo, a sua organização e importância? *

A sua resposta _____

Se considerar necessário, acrescente alguma informação ou sugestões.

A sua resposta _____

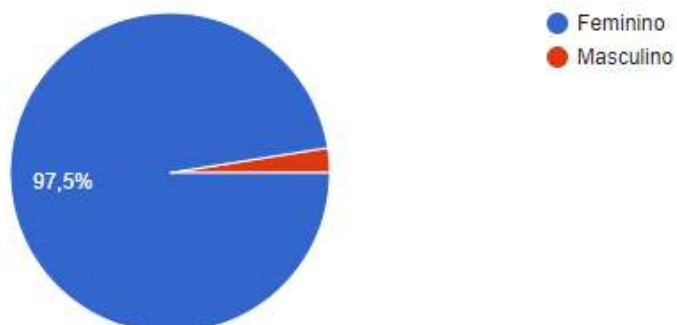
ANTERIOR

SUBMETER

Anexo B – Análise dos questionários

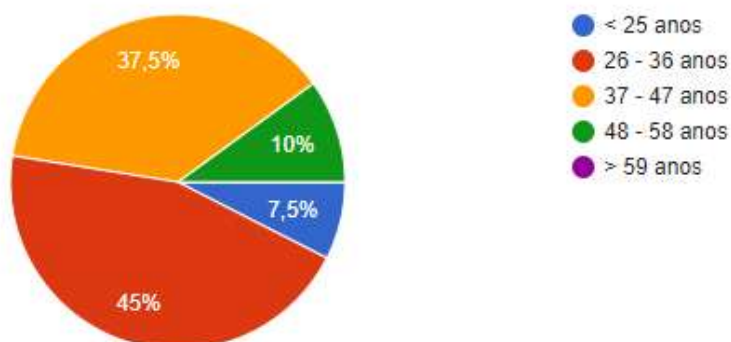
1.1 Sexo

40 respostas



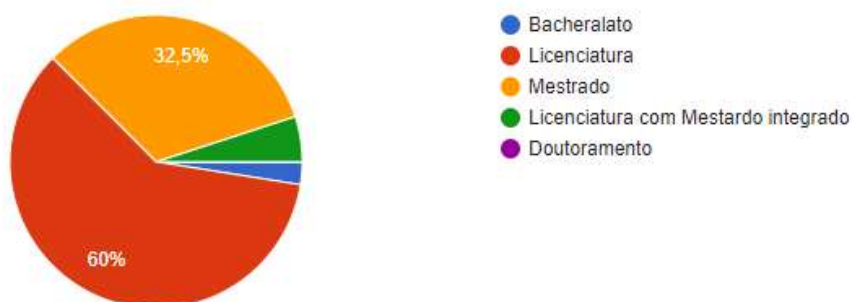
1.2 Idade

40 respostas



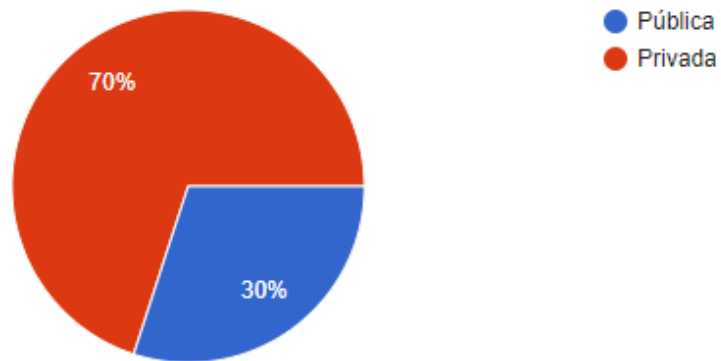
1.3 Habilitação Académica

40 respostas



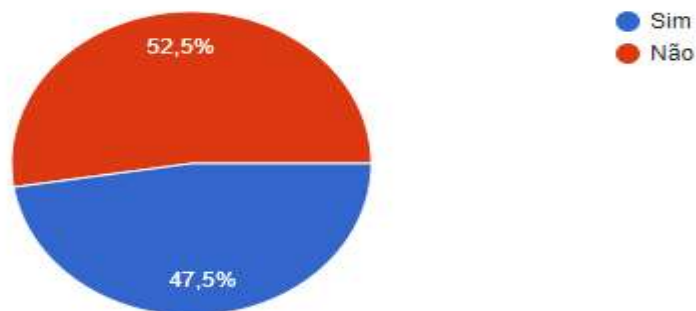
1.4 Instituição atual onde exerce

40 respostas



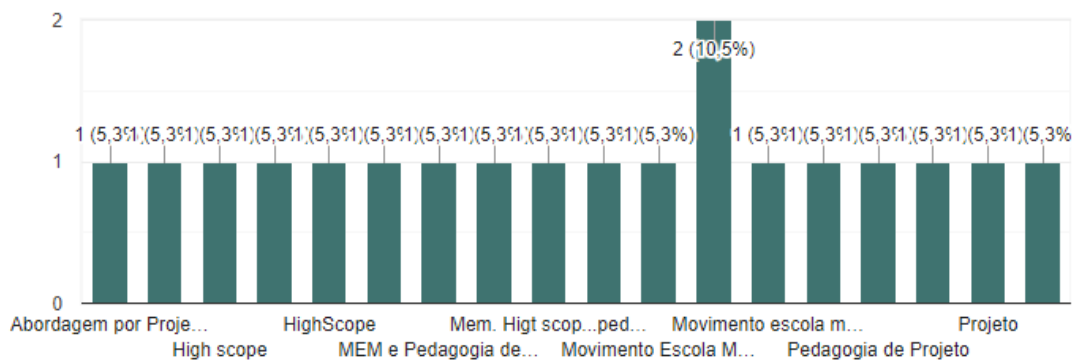
Segue algum modelo pedagógico?

40 respostas



Se respondeu sim na anterior, qual o modelo/modelos?

19 respostas



A sua opinião sobre a organização do ambiente educativo

O que entende por organização de ambiente educativo?

40 respostas

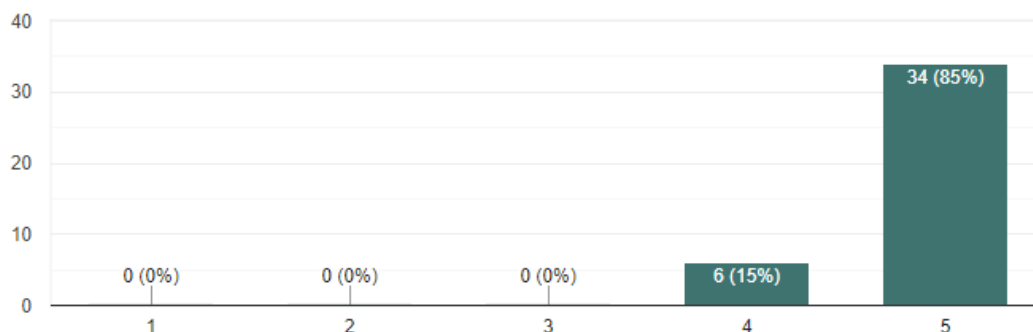
Todo o meio que envolve a criança.
Ambiente educativo é toda a envolvente física, material, temporal e emocional de um dado espaço que visa favorecer, à partida, toda a aprendizagem.
A forma como está disposto o espaço e os materiais.
A forma como toda a instituição está organizada para criar um melhor ambiente de aprendizagem para a criança. Desde a sala, brinquedos, rotina, equipa, tudo influencia.
Organização da sala, organização do grupo, organização da equipa educativa, e do tempo
Organizar a disposição da sala, brinquedos... de acordo com a idade e necessidades das crianças
As diferentes áreas na sala, o próprio pessoal envolvente...
A forma como com a participação das crianças, defini as áreas da sala, elaboramos as rotinas, regras de funcionamento. Esta organização teve na base a criação de uma relação e conhecimento de todos, onde a relação afetiva e emocional.
O espaço educativo deve contemplar um ambiente harmonioso e calmo. Deve ser organizado tendo em conta as idades cronológicas das crianças e deve ir ao encontro das necessidades e interesses das mesmas.
Aprendizagens significativas de cada criança individualmente e em grupo
Organização de ambiente educativo é a forma como se organiza o espaço dentro e fora da sala de atividades, de modo a proporcionar o desenvolvimento das crianças pelas diversas áreas de conteúdo
Organização da sala de atividades pelas diferentes áreas de atividade/interesse..
A organização do ambiente educativo e os instrumentos que ajudam a regulação do mesmo e do grupo. Envolve a organização espaço-temporal e relacional.
Organização da sala
Organização por áreas bem definidas de modo a facilitar a interação das crianças.
A organização do ambiente educativo refere-se à organização do tempo, do espaço e do grupo, de modo a que tudo aquilo que é feito tenha uma intencionalidade educativa, existindo por isso oportunidades de aprendizagem em todos os momentos e espaços. Ou seja, não se resume ao espaço físico da instituição, nem à organização das áreas da sala. O ambiente educativo é tudo o que permite à criança se envolver no seu processo de aprendizagem.
Organizar o ambiente educativo é ter as áreas da sala organizadas de maneira a estimular a autonomia das crianças, ter uma disposição dos materiais que seja funcional, é criar um ambiente estimulante e rico em partilhas. No decorrer do ano letivo vamos alterando, se virmos que é pertinente, para enriquecermos o nosso ambiente educativo partindo sempre das necessidades das crianças
Tempo-rotina espaço - sala atividades pedagógicas
Adequar a sala a um grupo específico de crianças.
Forma de organizar a sala e o grupo de crianças de acordo com a metodologia utilizada
Organização de espaços e tempos...
Organizacao de materiais e equipamentos na sala de atividades
Ter atividades preparadas e estar preparada para eventuais situações que surjam.
O espaço educativo funciona como terceiro educador, proporcionando experiências e liberdade.
Orrganizacao transmite tranquilidade

- De acordo com as necessidades das crianças
- A forma como organizamos por exemplo a nossa sala, desde a disposição do mobiliário, a diversidade de materiais,etc
- organização da sala, espaços, materiais e rotinas
- Organizar a sala de forma apelativa para o desenvolvimento das aprendizagens da criança.
- Todo o espaço e relações que promovem o desenvolvimento da criança
- Organizar todo o espaço, o grupo e o tempo
- No caso do modelo highscope o espaço deve estar organizado de forma a promover a autonomia da criança e a aprendizagem ativa. Distribuído por áreas com respectivos materiais tudo ao nível da criança.
- Acolhedor, atrativo, rico em experiencias, dinâmico, organizado.
- Toda a dinâmica necessária de organizar para o estabelecimento. Exemplo: horários (rotinas, intervalos, recreios....) espaços do estabelecimento , espaços e materiais da sala ..
- Organizar o ambiente educativo é ir ao encontro das necessidades de um grupo e de cada criança particular. Um ambiente educativo é a chave de abertura ao desenvolvimento de competências basilares no processo ensino aprendizagem.
- Organização da sala, de modo a que seja o mais pedagógico e prático para as crianças.
- Organizar os diferentes espaços sa sala de acordo com os interesses e necessidades do grupo, com materiais apelativos e adequados às faixas etárias inerentes às crianças. Sempre com uma intenção pedagógica.
- Criar um ambiente favorável às aprendizagens e autonomia das crianças.
- Um ambiente acolhedor, que tenha ao acesso das crianças uma série de materiais duradouros e de desgaste, que lhes permitam desenvolver e potenciar as suas aprendizagens. Estes espaços devem ser construídos com as crianças numa cultura de partilha e reconhecimento dos mesmos.
- Tudo o que rodeia a criança

Como classifica a importância do ambiente educativo na aprendizagem?

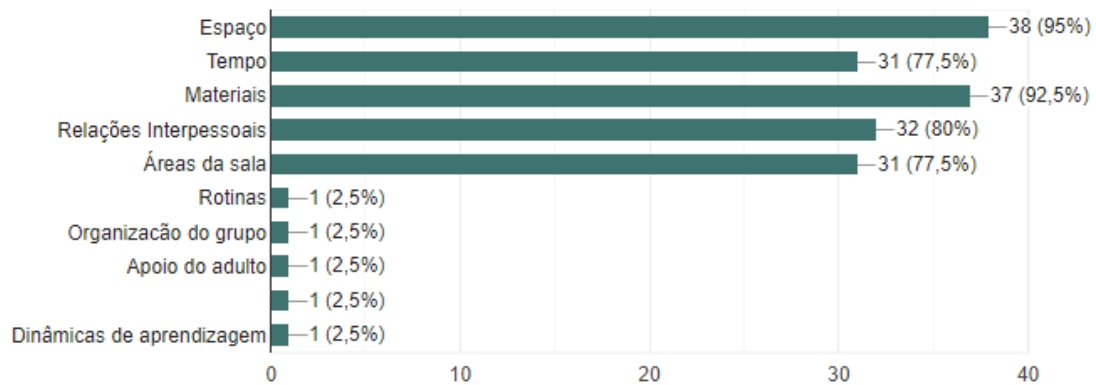


40 respostas



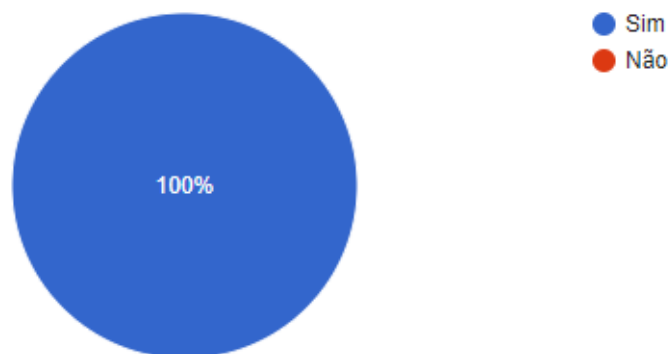
Sobre o ambiente educativo, quais os campos que considera estarem incluídos na temática? (selecione a/as opção/opções)

40 respostas



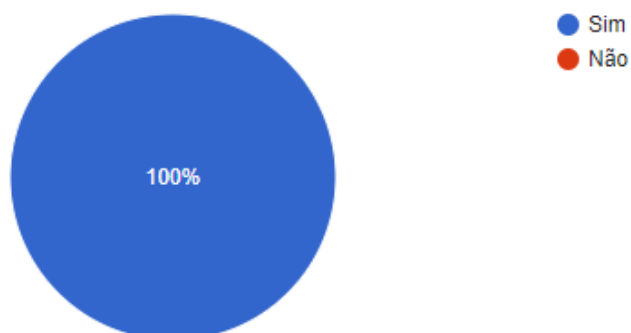
Quando realiza as suas planificações têm em conta o ambiente educativo?

40 respostas



Considera que o ambiente educativo influencia a aprendizagem da criança?

40 respostas



Se sim, em que sentido?

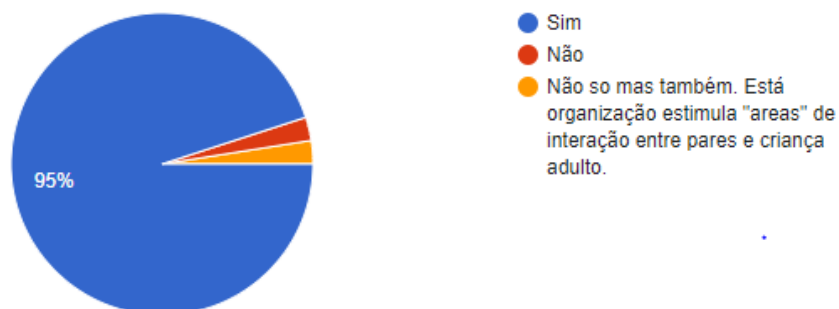
36 respostas

No sentido, das possibilidades de exploração e criação de brincadeiras, de momentos de grande e pequeno grupo. Um ambiente bem organizado, tem grandes potencialidades de aprendizagem. Existindo harmonia entre as necessidades do grupo e as necessidades individuais, permite diversas aquisições.
Quanto mais rico é mais estimulante, maior e melhor a predisposição para a aprendizagem.
Mesmo que as crianças tenham preferência por um espaço ou outro, se a sua disposição e/ou aparência estiverem mais atractivas pelo menos fá-las experimentarem os menos atractivos ou que não são da sua preferência.
Se o ambiente não for bem organizado as crianças não terão muitas oportunidades de aprendizagem.
Sem o ambiente educativo pensado, refletido e incluído nas planificações não há um trabalho eficaz
A nível autonomia, descoberta
Em sentir-se mais segura, confiante...
É securizante para a criança
Se for um ambiente em que ha desorganização, pouco tranquilo e cheio de materiais que não façam sentido para as crianças não me parece ser um ambiente adequado e, por conseguinte fará diferença na aprendizagem da criança, assim como na sua tranquilidade.
Na minha opinião, as características do grupo é que definem o ambiente educativo de cada sala. O ambiente educativo deve ser alterar em função do que as Crianças precisam. E ser alterado com elas presentes! Participação na sua própria aprendizagem!
A imitação do quotidiano, socialização, expressão das suas artes, desenvolvimento da motricidade....
Um ambiente que estimule o desejo de aprender e que permita à criança liberdade de escolha de atividades e acessibilidade aos materiais propicia aprendizagens cooperativas significativas.
Na forma como se relacionam e fazem as suas escolhas
A organização do ambiente educativo promove uma série de aprendizagens e reflete as intenções educativas do educador.
Se for um ambiente promotor de uma aprendizagem ativa, as crianças autonomamente, quer individualmente como em grupo, vão construindo saber e saberes com os pares. Tudo o que existe na sala deve ser pensado com intencionalidade.
Se for um ambiente estimulante a criança terá sempre vontade de explorar e com certeza vai fazendo as suas próprias aprendizagens.
Essa organização passa para a criança e esta aumenta a sua segurança e autonomia. Tendo este campo assegurado a aprendizagem ocorre.

A organização da sala pode e deve ser facilitadora de aprendizagens para um determinado grupo de crianças.
Um ambiente organizado permite que a criança tenha uma maior autonomia, um melhor conhecimento do seu espaço e em consequência interaja com os outros de uma melhor forma facilitando diversas aprendizagens
Na medida em que é indutor de aprendizagens.
Disponibilizar recursos e manter o ambiente calmo proporciona uma melhor aprendizagem.
No sentido da provocação implícita. As crianças tem liberdade de escolha, tem diferentes escolhas e decisões que podem tomar mediante o espaço.
Ao prever o que se segue a criança fica mais segura e tranquila.
Um bom ambiente educativo é meio caminho andado para ter crianças interessadas e motivadas
a forma como está organizado o espaço, permite uma maior ou menor aquisição de competências
Todo o meio cria um interesse
Com a organização e os estímulos certos para a aprendizagem
Um bom ambiente educativo, organizado de acordo com linhas orientadoras, é promotor de aprendizagem. Um ambiente pouco pensado na criança pode mesmo retraindo a criança e não ajudar a que se sinta confiante.
Maior capacidade de pensamento crítico, sentido de orientação, organização, maior concentração, melhoria constante nas aprendizagens/competências.
No bem estar , no respeito pelo seu ritmo, necessidades pelas suas características , segurança ...
No bem estar da criança e, conseqüentemente, no ensino aprendizagem.
No seu desenvolvimento quer pessoal, como social... Ao interagir com os seus pares e a desenvolver competências motoras sozinho.
As crianças quando estão motivadas pelo espaço, aprendem mais e de forma espontânea. Uma boa organização do espaço favorece também a organização espacial no mesmo, deixando as crianças mais autônomas e responsáveis.
No sentido em que têm várias áreas à escolha.
As interações estabelecidas com os pares e na autoaprendizagem.
Na forma como está organizado

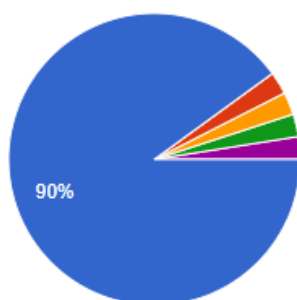
Na sua opinião, a organização da sala estimula o desenvolvimento das diferentes áreas curriculares?

40 respostas



Considera que a criança deverá participar na organização do espaço?

40 respostas



- Sim
- Não
- Sim e não, depende das circunstâncias
- Em creche eles dão nos indicadores se estivermos atentos em JI faz todo o sentido o envolvimento das crianças...
- Se o espaço for organizado a pensar nas crianças, elas rapidamente saberão como o explorar. Sempre d...

Em que sentido é ou não importante a inclusão da criança nessa organização?

40 respostas

Será o espaço dela, onde se irá movimentar, estar e desenvolver as suas atividades e brincadeiras. Sendo a criança o sujeito que irá usar o espaço e beneficiar dele, não faz sentido que não faça parte da sua organização.

Se a criança participar nessa organização passa a ser um agente importantíssimo na tomada de decisões, tomando aquele espaço e ambiente como dela. Assim, acaba por criar uma maior ligação emocional devido à sua possibilidade de escolha e tomada de decisão.

No alto da nossa idade e altura física por vezes não vemos detalhes que elas vêm melhor.

É importante para perceber que a sala também muda, os materiais também mudam, para aprenderem coisas novas e terem novas experiências.

É importante, pois estamos a educar crianças para a independência, liberdade de expressão

Ninguém melhor do que a criança para não transmitir as suas necessidades e gostos

Sabemos a importância a importância que dá à organização e qual o que mais gosta

Para que a mesma tenha em conta as suas necessidades, opiniões e assim se sinta envolvida e participante na mesma. A criança aprende essencialmente quando vive e experiência.

A criança sente-se capaz e ativa sempre que a desafiamos. É um espaço comum a todos, porque não pensarmos em conjunto como fará sentido a disposição da sala? Porque não torná-las intervenientes desse espaço educativo, afinal de contas estamos a ir ao encontro dos seus interesses e necessidades, bem como a escutar as suas opiniões e a dar-lhes valor.

Faz todo o sentido, as Crianças devem dar a sua opinião e perceber o porquê das coisas acontecerem!

Quando é na organização de um novo espaço e esteja englobado numa temática apresentada na sala

E importante porque as crianças passam o dia na sala de atividades e convém ser um sítio confortável e adequado as necessidades das crianças

A criança deve participar na organização do espaço para saber que materiais existem e o que pode fazer e aprender com eles.

É sempre importante

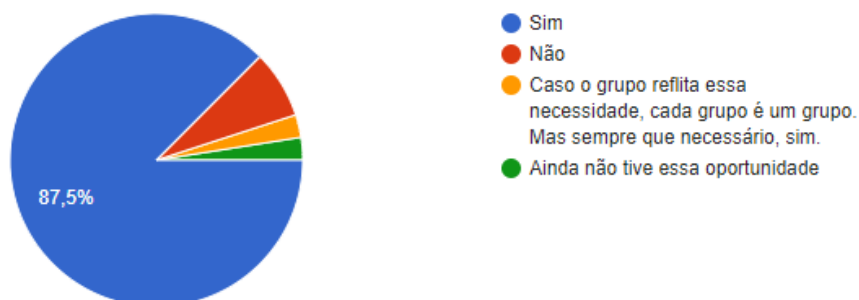
É importante que as crianças participem na organização do ambiente educativo uma vez que são eles que irão usufruir do mesmo. Este deverá ir de encontro às suas necessidades e aos seus interesses.

Permite dar à criança a agência a que tem direito. O facto de participar na organização, dá-lhe uma capacidade de previsão dos acontecimentos, de conhecimento do espaço e materiais disponíveis...

- É importante as crianças serem incluídas nesse processo porque é através da análise das suas necessidades que as alterações vão surgindo.
- Democracia, respeito, liberdade de escolha...
- É importante que valorizem o ambiente e que se sintam confortáveis e autônomas.
- É importante porque sente que a sala é sua e consegue ter uma outra dinâmica
- Espaços...brinquedos...materiais...equipamentos...
- Na medida em que passa a ser agente ativo na sua aprendizagem.
- O espaço é essencialmente para as crianças. É importante que se sintam bem no espaço educativo.
- O espaço é delas. Faz sentido que com o auxílio do adulto organizem o espaço.
- Fazer parte da sala e sentir que o espaço é também seu
- A criança deve ter voz ativa
- Quando uma criança participa envolve-se com mais facilidade nas atividades e temáticas, bem como se sente valorizada
- para perceber o que pode realizar em cada espaço e com cada material
- No sentido de ser parte integrante da aprendizagem
- Isso não acho tão importante
- É importante para que exista pedagogia de participação
- É importante que o espaço se mantenha durante o ano. Sem alterações de áreas, apenas de materiais.
- Aumentar o sentido de responsabilidade, solucionar problemas, cumprir regras, ser mais participativo,....
- E significativa para ela, promove o respeito, autonomia e responsabilização das crianças.
- Se a criança participar nessa organização sente-se parte do mesmo o que em termos emocionais e relacionais será uma vantagem para a sua plena integração. Uma criança integrada, incluída é uma criança feliz, sendo feliz. E este deverá ser o propósito porque só assim pode existir desenvolvimento emocional e consequentemente aprendizagens sólidas, organizadas e coerentes.
- Assim podem desenvolver vários aspetos sociais e aprendem a tomar decisões.
- Para que faça sentido para a criança é essencial que esta participe nas escolhas, pois só assim podemos associar a motivação à aprendizagem.
- A criança deve ser elemento ativo na organização do ambiente educativo.
- Permite-lhes valorizar e interagir com os espaços. As crianças só fazem aprendizagens significativas, quando estão dinamicamente envolvidas nas atividades.
- Faz todo o sentido, sendo que é para ela que organizamos o ambiente.

Ao longo do ano letivo, costuma realizar alterações? Como por exemplo, na disposição da sala.

40 respostas



Se sim, que alterações realiza?

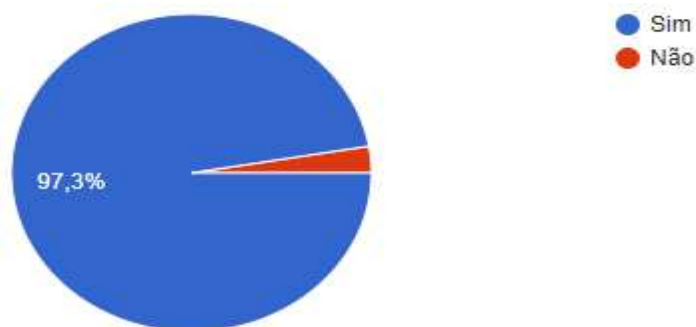
34 respostas

A nível da disposição da sala ao nível físico, caso haja necessidade disso.
Mudança de materiais e alterações espaciais sempre que considere necessário.
Alterações na disposição da sala. E troca de alguns materiais. A rotina não é alterada.
Segundo os interesses das crianças... Um consultório médico, passado uma semana pode ser um supermercado
Disposição de materiais brinquedos
As se forem sentidas necessarias por mim e/ou pelas crianças, após partilha e debate em,grande grupo
Disposição dos matérias, troca de materiais...tudo depende dos interesses das crianças
Alteração de áreas da sala com o grupo, conforme as suas necessidades e com a presença deles.
Localização dos espaços, por as vezes querer implementar outros espaços
Mudando as areas de atividade e acrescentado materiais
Depende das necessidades do grupos. Alteração da ordem das áreas ou criação de novas áreas.
Alterações de acordo com as necessidades do grupo
Introdução de novas áreas e renovação das já existentes.
Quando existem conflitos recorrentes em determinada area da sala, é porque algo não está bem e deve ser alvo de reflexão. Perceber o nivel de implicação das crianças com os materiais para se perceber se há necessidade de inserir novos recursos. E áreas que possam surgir de interesses das crianças. No caso das necessidades, é também importante o educador estar atento, de modo a que as áreas possam dar resposta a essas necessidades.
Acrescentar materiais a uma determinada área, mudar a disposição das áreas
Areas(disposição) ou acrescento e materiais lúdicos e didáticos.
Alterações no espaço, por exemplo se melhorar autonomias.
As alterações são feitas de acordo com os projectos que estão a ser desenvolvidos e, também, pir sugestões do grupo
Renovacao de materiais...disposicao de infraestruturas
Dependem das necessidades e projetos q surjam no grupo

- Principalmente a disposição de mesas.
 - Depende das crianças e dos projetos.
 - Todas as areas da sala
 - Por vezes introduz- se outros cantinhos, alteram-se brinquedos e jogos
 - alterações em alaguma área que não esteja a ser muito utilizada, introdução de novos materiais
 - Disposição das áreas da sala
 - Acrescento áreas, logo tenho que adaptar o espaço
 - Alteração da decoração temática, contrução de novas areas
 - Em função de reações, comportamentos , interesses manifestados , ...
 - Sempre que possa existir algum constrangimento. As alterações oscilam entre as necessidades de cada criança e numa perspetiva de aprendizagem ativa.
 - O número de crianças na mesma área por vezes substitio uma área por outra, quando percebo que é mais emergente no grupo.
- Disposição da sala, incluir novos materiais
 - Mudamos algumas áreas quando chegamos à conclusão que não estão a ser utilizadas dinamicamente pelas crianças.
 - Disposição física da sala

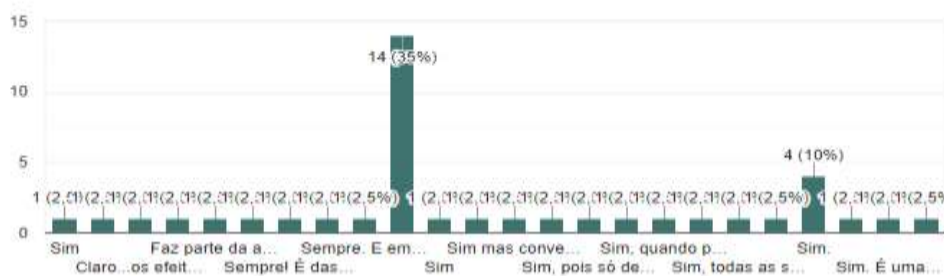
Nessas alterações, seria benéfico envolver as crianças?

37 respostas



Costuma refletir sobre este tema de ambiente educativo, a sua organização e importância?

40 respostas



Se considerar necessário, acrescente alguma informação ou sugestões.

6 respostas

É importante a reflexão do educador sobre o espaço, mas também é importante incluir as crianças nessa reflexão, escutando-as.

.

Um ambiente educativo organizado traz segurança às crianças e permite-lhes adquirir competências relevantes para o seu desenvolvimento.

É preciso tempo para observar as crianças ouvi-las e dialogar.

Sobre este tema pode consultar o site Highscope e visitar a Escola Raiz. Participe em formações highscope e descubra a importância do espaço enquanto promotor de uma aprendizagem ativa.

Acho q é um aspecto para o qual ainda n estamos todos na educação sensíveis e atentos. E também importante noutros níveis de escolaridade. E os adultos podem beneficiar também ...